

História da

# Arte



 iNTA



Ana Cecília Soares

# História da Arte

**1ª Edição**  
**Sobral/2017**



# INTA - Instituto Superior de Teologia Aplicada

## PRODIPE - Pró-Diretoria de Inovação Pedagógica

---

### **Diretor-Presidente das Faculdades INTA**

Dr. Oscar Rodrigues Júnior

### **Pró-Diretor de Inovação Pedagógica**

Prof. PHD João José Saraiva da Fonseca

### **Coordenadora Pedagógica e de Avaliação**

Profª. Sonia Henrique Pereira da Fonseca

### **Professores Conteudistas**

Ana Cecília Soares

### **Assessoria Pedagógica**

Sonia Henrique Pereira da Fonseca

### **Transposição Didática**

Adriana Pinto Martins

Evaneide Dourado Martins

### **Design Instrucional**

Sonia Henrique Pereira da Fonseca

### **Revisora de Português**

Neudiane Moreira Félix

### **Revisora Crítica/Analista de Qualidade**

Anaisa Alves de Moura

### **Diagramadores**

Fernando Estevam Leal

Anacléa de Araújo Bernardo

### **Diagramador Web**

Eryberto da Silva Pontes

### **Produção Audiovisual**

Francisco Sidney Souza de Almeida (Editor)

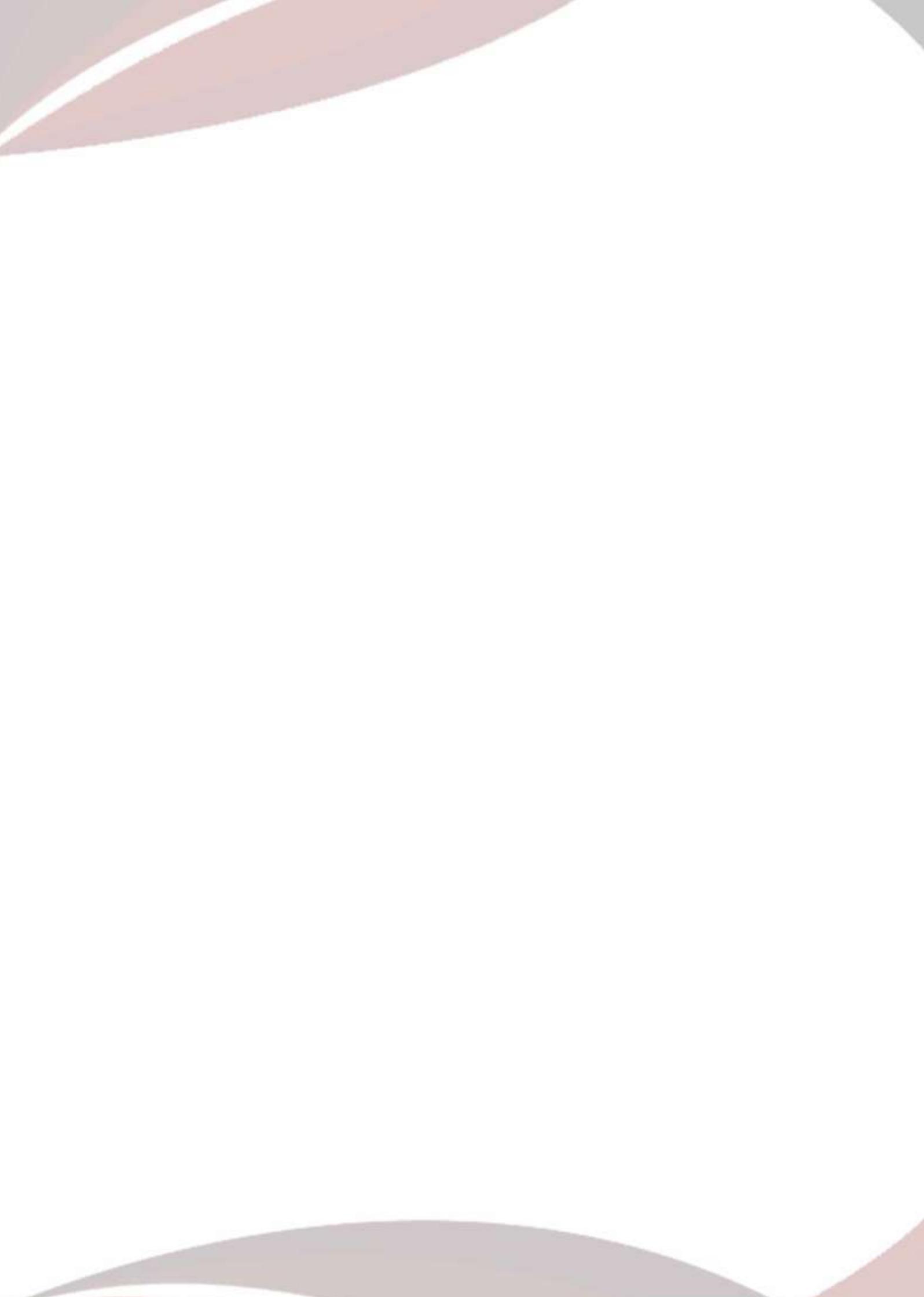
### **Operador de Câmera**

José Antônio Castro Braga

### **Pesquisadora Infográfica**

Anacléa de Araújo Bernardo





# Sumário

## **UNIDADE DE ESTUDO I: HISTÓRIA DA ARTE: UM PERCURSO REFLEXIVO E CRÍTICO**

-Arte Pré-histórica: estranhos começos;

-Primeiras esculturas conhecidas; pinturas em cavernas, monumentos de pedra para rituais.

## **UNIDADE DE ESTUDO II: MESOPOTÂMIA, EGITO E CRETA: CRIAÇÕES PARA A ETERNIDADE**

- Mesopotâmia: primeiras cidades construídas. Zigurates, templos imensos e palácios com esculturas em baixo-relevo.

- Egito: diálogos entre a arte e a religião. Destaque para a construção de pirâmides, pinturas e esculturas.

- Creta: arte lítica, vasos e outros objetos feitos com diferentes matérias-primas (mármore, serpentina, tufa calcária, xisto clorito, etc.).

## **UNIDADE DE ESTUDO III: GRÉCIA: O FASCÍNIO PELO BELO E PELA PERFEIÇÃO DAS FORMAS**

- A busca pelo ideal de beleza, proporção e harmonia. Desenvolvimento do chamado “estilo clássico”, responsável por determinar os padrões de perfeição técnica.

## **UNIDADE DE ESTUDO IV: ROMA: O GRANDE IMPÉRIO**

- O império romano e as esculturas realistas da figura humana; bustos idealizados de imperadores; maravilhas da engenharia, como os aquedutos e arenas. Coliseu e Pompéia.

## **UNIDADE DE ESTUDO V: IDADE MÉDIA: PARA ALÉM DA ESCURIDÃO**

- A arte espiritual para inspirar a devoção religiosa.

- Arte Bizantina (ícones e mosaicos).

- Arte Gótica (arquitetura, escultura, vitrais e tapeçaria).

## **UNIDADE DE ESTUDO VI: O RENASCIMENTO DA ARTE: A LUZ VOLTA A REINAR**

- A arte clássica renasceu graças as descobertas revolucionárias, como a anatomia e a perspectiva. O reflexo da produção italiana se estende por toda a Europa. **Unidade de**

## **ESTUDO VII: SÉCULO XIX: O NASCIMENTO DOS “ISMOS”**

- Expressionismo;
- Cubismo;
- Futurismo;
- Dadaísmo;
- Surrealismo.

# **HISTÓRIA DA ARTE: UM PERCURSO REFLEXIVO E CRÍTICO**

## **1**

### **Conhecimentos**

Compreender a arte como fato histórico contextualizado nas diversas culturas, bem como os diferentes conceitos de arte e suas implicações no processo de compreensão da sociedade.

### **Habilidades**

Classificar, cronologicamente, os principais períodos que dividem a história das sociedades.

### **Atitudes**

Reconhecer a importância da preservação da memória, em seus variados suportes, para o conhecimento da História da humanidade.

## Arte Pré-histórica: estranhos começos

- Primeiras esculturas conhecidas; pinturas em cavernas, monumentos de pedra para rituais.

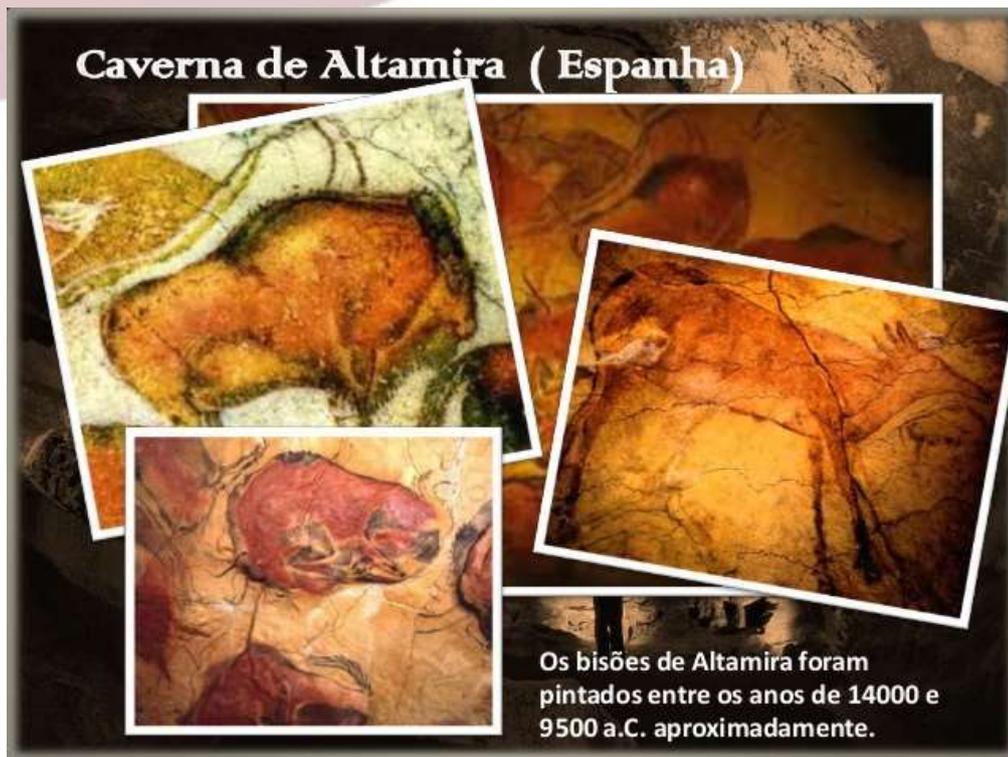
A história da arte não se trata de uma jornada evolutiva de uma produção simples para mais complexa, mas da construção de uma narrativa onde o homem se coloca acima de tudo como um criador de símbolos, através dos quais ele expressa o que percebe e apreende do mundo em diferentes épocas.

De acordo com Carol Strickland e John Boswell, há 25 mil anos nossos ancestrais inventaram a arte. “Em algum momento da era glacial, quando caçadores e coletores ainda viviam em cavernas, a mentalidade Neanderthal de fazer instrumentos deu lugar ao impulso Cro-Magnon de fazer imagens” (2014, p.12).

Acredita-se que os primeiros objetos artísticos foram desenvolvidos na tentativa de controlar ou amenizar as forças da natureza. A arte rupestre é o principal exemplo desses primeiros tempos, ela é constituída por representações gráficas do tipo: desenhos, símbolos e sinais; produzidos em paredes de cavernas ou nas superfícies de grandes rochas. Esses grafismos são de fundamental importância pois nos fornecem informações necessárias para a compreensão sobre, a cultura, o tempo e os costumes dos nossos ancestrais.

Em geral, pode-se dizer que a produção rupestre conta com motivos de feição naturalista. Nela, os homens são habitualmente mostrados de forma isolada ou realizando algum tipo de ação coletiva, como o momento da caça, o parto de uma criança ou o intercuro sexual. Além disso, no que concerne aos animais representados, temos a predominância daqueles que serviam como alimento ou atacavam algum espaço habitado pelos humanos.

Logo, a arte produzida possuía uma funcionalidade material, cotidiana ou mágico-religiosa: ferramentas, armas ou figuras que envolvem situações específicas, como a caça. Cabe lembrar que as cenas de caça retratadas em cavernas não descreviam uma situação experimentada pelo grupo, mas possuía um cunho mágico-ritualístico, preparando o grupo para essa ação que lhes garantiria a sobrevivência.



Detalhes das pinturas encontradas na Caverna de Altamira na Espanha.

As expressões artísticas mais antigas foram encontradas na Europa, em especial na Espanha, Sul da França e da Itália e datam de aproximadamente de 25 000 a.C., portanto no período paleolítico. Na França encontramos o maior número de obras pré-históricas e até hoje em bom estado de conservação, como foi o caso das cavernas de Altamira, Lascaux e Castilho.

### **Pintura**

As pinturas apresentavam animais e pessoas em cenas cotidianas nas principais atividades executadas pelo homem pré-histórico (caça, rituais, danças, alimentação, entre outros.). No período neolítico, a atividade pictórica é utilizada como elemento decorativo e registro da rotina diária. A qualidade das obras é superior, mostrando um maior grau de abstração e a utilização de outros instrumentos que não as mãos, como espátulas. Por volta de 2000 a.C. as características da pintura apresentavam um nível próximo ao de formas escritas, preservando, contudo, seu caráter mágico ou religioso, celebrando a fecundidade ou os objetos de adoração, como os totens.

Os primeiros “quadros” foram pintados em cavernas, provavelmente 15 mil anos atrás. As pinturas de bisões, veados, cavalos, bois, mamutes, javali se situam nos recessos das cavernas, longe das superfícies habitadas e da luz do sol. Os arqueólogos especulam que os artistas criavam as figuras para garantir uma boa caça. Muitos animais aparecem trespassados por flechas, e furos nas paredes

indicam que os habitantes das cavernas atiravam lanças nos animais desenhados (BOSWELL; STRICKLAND, 2014, p. 12).

Muitas pinturas encontradas em cavernas escondidas e regiões pouco habitadas indicam que essa manifestação artística cumpria uma parte dos rituais funerários e religiosos da pré-história. Ao mesmo tempo, a presença de motivos geométricos (círculos, cruzes, pontos e espirais) demonstra outra faceta complexa e misteriosa dessa arte.

### **Arquitetura**

Como se sabe as primeiras civilizações eram nômades e se deslocavam conforme a necessidade de obter alimentos, de garantir a sua sobrevivência. Durante o período neolítico essa situação sofreu mudanças, promoveram-se as primeiras formas de agricultura e conseqüentemente os grupos humanos passaram a se fixar por mais tempo em uma determinada região. Porém ainda faziam uso de abrigos naturais ou fabricados com fibras vegetais ao passo em que passaram a construir monumentos de pedras colossais, que serviam de câmaras mortuárias ou de templos. Raras eram as construções que serviam de habitação. Essas pedras pesavam mais de três toneladas, fato que requeria o trabalho de muitos homens e o conhecimento da alavanca.

Esses monumentos de pedras foram chamados de "megalíticos" e podem ser classificados de: **dólmens**, galerias cobertas que possibilitavam o acesso a uma tumba; **menires**, que são grandes pedras cravadas no chão de forma vertical; e os **cromlech**, que são menires e dólmens organizados em círculo, sendo o mais conhecido o de Stonehenge, na Inglaterra. Também encontramos importantes monumentos megalíticos na Ilha de Malta e Carnac na França, todos eles com funções ritualísticas.



Situada a 130 quilômetros oeste de Londres está a enigmática Stonehenge. Considerada como um dos mais belos monumentos megalíticos existentes.

### **Escultura**

A escultura também teve destaque na arte rupestre. Através dela foi possível a elaboração tanto de objetos religiosos quanto de utensílios domésticos. Animais e figuras humanas, sobretudo as com referência ao universo feminino, eram um dos principais temas trabalhados. Essas esculturas ficaram conhecidas como Vênus, caracterizadas pelos grandes seios e ancas largas, são associadas ao culto da fertilidade;

Entre as mais famosas estão a Vênus de Lespugne, encontrada na França, e a Vênus de Willendorf, localizada na Áustria. Estas peças foram criadas principalmente em pedras calcárias, utilizando-se ferramentas de pedra pontiaguda.

Outro aspecto importante, tratando-se do aspecto escultural, é que os objetos mais antigos eram constituídos por ossos, marfim, pedra ou chifre. Eles eram entalhados, desenhados com um instrumento afiado, gravados em relevo profundos, ou esculturas tridimensionais.

Durante o período neolítico europeu (5000a.C. - 3000d.C.) os homens já dominavam o fogo e passaram a produzir objetos de cerâmica, normalmente disponíveis em vasos, decorados com motivos geométricos em sua superfície. Somente na idade do bronze a produção da cerâmica alcançou grande desenvolvimento, em virtude da sua utilização na armazenagem de água e alimentos.

# ESOPOTÂMIA, EGITO E CRETA: CRIAÇÕES PARA A ETERNIDADE

## 2

### **Conhecimentos**

Compreender a importância da Cidade para o estabelecimento e organização das instituições sociais ao longo da história.

### **Habilidades**

Estabelecer relações entre as manifestações culturais do presente e as raízes históricas de sua constituição.

### **Atitudes**

Reconhecer que a arte mesopotâmica compreende as obras artísticas das diversas culturas.

A Mesopotâmia — nome grego que significa "entre rios" (meso - pótamos) - é uma região de interesse histórico e geográfico mundial. Trata-se de um planalto de origem vulcânica localizado no Oriente Médio, delimitado entre os vales dos rios Tigre e Eufrates, ocupado pelo atual território do Iraque e terras próximas. Os rios desembocam no Golfo Pérsico e a região toda é rodeada por desertos.

Inserida na área do Crescente Fértil - uma região do Oriente Médio excelente para a agricultura, exatamente num local onde a maior parte das terras vizinhas era muito árida para qualquer cultivo, a Mesopotâmia tem duas regiões geográficas distintas: ao Norte a Alta Mesopotâmia ou Assíria, uma região bastante montanhosa, desértica, desolada, com escassas pastagens, e ao Sul a Baixa Mesopotâmia ou Caldéia, muito fértil em função do regime dos rios, que nascem nas montanhas da Armênia e desaguam separadamente no Golfo Pérsico.

A civilização mesopotâmica produziu manifestações artísticas subordinadas aos interesses do estado e da religião, fato que não impediu a criação de maneiras expressivas de grande originalidade e valor estético. A arte mesopotâmica compreende as obras artísticas das diversas culturas que, na antiguidade, se desenvolveram na região situada entre os rios Tigre e Eufrates. Os primeiros vestígios de populações estáveis foram encontrados na região norte e datam de meados do sexto milênio antes da era cristã, na transição entre o neolítico e o calcolítico. Essas comunidades foram denominadas de acordo com a localização dos sítios arqueológicos: Hassuna, Hassuna-Samarra e Halaf. A cerâmica produzida por essas populações é decorada com desenhos geométricos adaptados à forma dos vasos com notável habilidade. No delta formado pelos dois rios, a fase pré-histórica mais antiga recebe o nome de Obeid I. Acredita-se que o povo sumério tenha surgido dos primitivos povoadores, mas a hipótese não foi comprovada. A presença dos sumérios só é corroborada com provas a partir de aproximadamente 3100 a.C., com a invenção da escrita.

### **História**

A Mesopotâmia é considerada um dos berços da civilização, já que foi na Baixa Mesopotâmia onde surgiram as primeiras civilizações por volta do VI milênio a.C. As primeiras cidades foram o resultado culminante de uma sedentarização da população e de uma revolução agrícola, que se originou durante a Revolução Neolítica. O homem deixava de ser um coletor que dependia da caça e dos recursos naturais oferecidos, uma nova forma de domínio do ambiente é uma das causas possíveis da eclosão urbana na Mesopotâmia.

### **Povos**

A Mesopotâmia foi uma região por onde passavam muitos povos nômades oriundos de diversas regiões. A terra fértil fez com que alguns desses povos aí se estabelecessem. Do

convívio entre muitas dessas culturas floresceram as sociedades mesopotâmicas. Os povos que ocuparam a mesopotâmia foram os sumérios, os acádios, os amoritas ou antigos babilônios, os assírios, os elamitas e os caldeus ou novos babilônios. Como raramente esses Estados atingiam grandes dimensões territoriais, conclui-se que apesar da identificação econômica, social e cultural entre essas civilizações, nunca houve um Estado mesopotâmico.

### **Artes**

A Arquitetura. A mais desenvolvida das artes, porém não era tão notável quanto a egípcia. Caracterizou-se pelo exibicionismo e pelo luxo. Construíram templos e palácios, que eram considerados cópias dos existentes nos céus, de tijolos, por ser escassa a pedra na região. O zigurate, torre piramidal, de base retangular, composto de vários pisos superpostos, formadas por sucessivos andares, cada um menor que o anterior. Construção característica das cidades estados sumerianos. Nas construções, empregavam argilas, ladrilhos e tijolos. Provavelmente só os sacerdotes tinham acesso à torre, que tanto podia ser um santuário, como um local de observações astronômicas.



Imagem de Zigurate de Ur e um dos monumentos mais importantes que remonta ao período sumério. Ele está localizado na província de Dhi Qar no sul do Iraque.

As muralhas construídas por Nabucodonosor eram tão largas, que sobre elas realizavam-se corridas de carros. Mais famosas foi as portas, cada uma dedicada a uma divindades e ornamentadas com grandes figuras em relevo. O caminho das procissões e a porta azul de Ishatar(deusa do amor e da fertilidade) eram decorados com figuras em cerâmicas esmaltada. A porta encontra-se no Museu de Berlim, mas suas cores desaparecem.

Escultura e a pintura. Tanto a escultura quanto a pintura eram fundamentalmente

decorativas. A escultura era pobre, representada pelo baixo relevo. Destacava-se a estatuária assíria, gigantesca e original. Os relevos do palácio de Assurbanipal são obras de artistas excepcionais. A pintura mural existia em função da arquitetura.

Um dos raros testemunhos da pintura mesopotâmica foi encontrados no Palácio de Mari, descoberto entre 1933 e 1955. Embora as tintas utilizadas fossem extremamente vulneráveis ao tempo, nos poucos fragmentos que restaram é possível perceber o seu brilho e vivacidade. Seus artistas possuíam uma técnica talvez superior à que lhes era permitido demonstrar.

A música na Mesopotâmia, principalmente entre os babilônicos, estava ligada à religião. Quando os fiéis estavam reunidos, cantavam hinos em louvor dos deuses, com acompanhamento de música. Esses hinos começavam muitas vezes, pelas expressões: " Glória, louvor tal deus; quero cantar os louvores de tal deus", seguindo a enumeração de suas qualidades, de socorro que dele pode esperar o fiel. Nas cerimônias de penitência, os hinos eram de lamentação: "aí de nós", exclamavam eles, lembrando os sofrimentos de tal ou qual deus ou apiedando-se das desditas que desabam sobre a cidade. Instrumentos sem dúvida de sons surdos, acompanhavam essa recitação e no corpo desses salmos, vê-se o texto interromper-se e as onomatopéias "ua", "ui", "ua", sucederem-se em toda uma linha. A massa dos fiéis devia interromper a recitação e não retomá-la senão quando todos, em coro tivessem gemido bastante.

A procissão, finalmente, muitas vezes acompanhava as cerimônias religiosas e mesmo as cerimônias civis. Sobre um baixo-relevo assírio do British Museum que representa a tomada da cidade de Madaktu em Elam, a população sai da cidade e se apresenta diante do vencedor, precedida de música, enquanto as mulheres do cortejo batem palmas à oriental para compassar a marcha.

O canto também tinha ligações com a magia. Há cantos a favor ou contra um nascimento feliz, cantos de amor, de ódio, de guerra, cantos de caça, de evocação dos mortos, cantos para favorecer, entre os viajantes, o estado de transe.

A dança, que é o gesto, o ato reforçado, se apóia em magia sobre leis da semelhança. Ela é mímica, aplica-se a todas as coisas:- há danças para fazer chover, para guerra, de caça, de amor etc.

Danças rituais têm sido representadas em monumentos da Ásia Ocidental, Suméria. Em Thecheme-Ali, perto de Teerã; em Tepe-Sialk, perto de Kashan; em Tepe-Mussian, região de Susa, cacos arcaicos reproduzem filas de mulheres nuas, dando-se as mãos, cabelos ao vento, executando uma dança. Em cilindros-sinetes vêem-se danças no curso dos

festins sagrados (tumbas reais de Ur).

### **Arte egípcia**

Assim como em tantos outros aspectos de sua vida, os egípcios estabeleceram uma forte aproximação de suas manifestações artísticas para com a esfera religiosa. Dessa forma, são várias as ocasiões em que percebemos a arte dessa civilização envolta por alguma concepção espiritual. Uma vez que a sua preocupação era garantir a vida após a morte confortável para seus soberanos, considerados verdadeiros deuses.



No Egito também eram construídas esfinges, esculturas cujo corpo de leão e a cabeça humana. Tinham como finalidade guardar os túmulos. A mais famosa delas é a do faraó Quéfren que fica junto as três pirâmides. Ela possui 20m de altura e 74m de comprimento.

### **Túmulos e mastabas**

A crença na vida após a morte motivava os egípcios a construírem tumbas, estatuetas, vasos e mastabas que representavam sua concepção do além-vida. As primeiras tumbas egípcias buscavam realizar uma reprodução fiel da residência de suas principais autoridades. Em contrapartida, as pessoas sem grande projeção eram enterradas em construções mais simples que, em certa medida, indicava o prestígio social do indivíduo.



As obras arquitetônicas mais famosas são as pirâmides do Gizé, que foram construídas por três importantes faraós do antigo império: Quéops, Quéfren e Miquerinos. Sendo a de Quéops a maior com 146m de altura e área da base de 54 300m<sup>2</sup>.

Segundo H.W. Janson (2001), ainda temos muito que aprender no que diz respeito à origem e ao significado das sepulturas no Egito, contudo crê-se que o conceito de vida *post mortem* não corresponde a todos os homens, apenas aqueles privilegiados, devido à sua ligação com os imortais faraós.

Outro aspecto importante era as mastabas (“túmulos particulares”), que compreendia uma construção de forma quadrangular ou de pirâmide truncada, envolvida por tijolos ou pedras, erguida em cima da câmara funerária subterrânea e ligada a esta por um poço. Dentro da mastaba havia ainda uma capela para as oferendas e um cubículo secreto para armazenar a estátua do defunto.

### **Pintura e escultura**

Obedeciam a modelos rígidos de representação da figura humana. Conforme Strickland e Boswell (2014), em muitos desenhos e entalhes em pedra, a forma humana é representada em visão frontal do olho e dos ombros e em perfil de cabeça, braços e pernas. No estudo da arte, essa concepção ficou conhecida como a lei da frontalidade.



No campo da pintura e nos baixos relevos tem destaque a lei da frontalidade, em que o corpo das figuras são representados de frente, e o rosto e membros de perfil.

Nas pinturas em paredes, a superfície é dividida em painéis horizontais separados por linhas. Os homens eram pintados com um tom de pele mais escuro que o das mulheres; a aparência de cada divindade egípcia era rigorosamente estabelecida: Hórus, o deus dos céus, era apresentado como um falcão ou com uma cabeça de falcão; Anúbis, deus dos ritos funerários, como um chacal ou com cabeça de chacal. Todo artista tinha de ser especialista em caligrafia, capaz de gravar na pedra, de modo claro e preciso, as imagens e símbolos. Apresentando funções para fora do simples deleite estético, a arte dos povos egípcios era bastante padronizada e não valorizava o aprimoramento técnico ou o desenvolvimento de um estilo autoral.

A figura despojada, de ombros largos e quadris estreitos, usando adorno na cabeça e tanga, posa rigidamente com os braços para os lados e uma perna adiante da outra. O tamanho da figura indica sua posição: os faraós são representados como gigantes sobressaindo entre criados, do tamanho de pigmeus (BOSWELL; STRICKLAND, 2014, p. 17).

Com o intuito de durar eternamente, as estátuas eram esculpidas em granito ou diorito. A escultura egípcia, ao longo de seu desenvolvimento, encontrou características bastante peculiares. Apesar de apresentar grande rigidez na maioria de suas obras, percebemos que conseguiam revelar riquíssimas informações de caráter étnico, social e profissional de seus representados. No governo de Amenófis IV temos uma fase bastante distinta em que a rigidez da escultura é substituída por impressões de movimento.

## **Pirâmides**

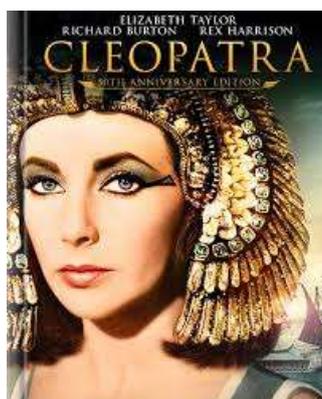
O processo de centralização política e a divinização da figura do faraó tiveram grande importância para a construção das primeiras pirâmides. Essas construções, que estabelecem um importante marco na arquitetura egípcia, têm como as principais representantes as três pirâmides do deserto de Gizé, construídas para os faraós, Quéops, Quéfren e Miquerinos. Próxima a essas construções, também pode se destacar a existência da famosa esfinge do faraó Quéfren.

Junto ao templo inferior da segunda pirâmide - a de Quefren - , ergue-se a Grande Esfinge, talhada na própria rocha viva, talvez uma personificação mais impressionante da realeza divina que as próprias pirâmides. A cabeça real, emergindo do corpo de um leão, eleva-se a 20 metros de altura e tem, provavelmente, as feições de Quefren [...] Tem tal majestade que, mil anos mais tarde, foi possível pensar que se tratava de uma imagem do rei-sol (JANSON, 2001, p. 83).

Ao longo do Novo Império (1580 – 1085 a.C.), passados os vários momentos de instabilidade da civilização egípcia, observamos a elaboração de novas e belas construções. Nessa fase, destacamos a construção dos templos de Luxor (dedicado a Amon e sua família) e Carnac, ambos dedicados à adoração do deus Amon. No campo da arte funerária, também podemos salientar o Templo da rainha Hatshepsut (construído por volta de 1480 a. C, na base das falésias de Deir-el-Bahari) e a tumba do jovem faraó Tutancâmon, localizado no Vale dos Reis.

Passado o governo de Tutancâmon, a arte egípcia passou a ganhar forte e clara conotação política. As construções, esculturas e pinturas passaram a servir de espaço para o registro dos grandes feitos empreendidos pelos faraós. Ao fim do Império, a civilização egípcia foi alvo de sucessivas invasões estrangeiras. Com isso, a hibridação com a perspectiva estética de outros povos acabou desestabilizando a presença de uma arte típica desse povo.

#### **Dica de filme:**



**Cleópatra** (EUA, 1963 – Direção: Joseph L. Mankiewicz, Rouben Mamoulian  
Elenco: Elizabeth Taylor, Rex Harrison e Richard Burton).

**Sinopse:** Cleópatra (Elizabeth Taylor) foi a última rainha do Egito, descendente do general grego Ptolomeu. Ela tem um filho com o ditador romano Júlio César (Rex Harrison), o que lhe garantiu a permanência no trono egípcio. Após o assassinato de César, ela se torna amante de Marco Antônio (Richard Burton), que a protege, mas sua autonomia fica em risco com a disputa entre este e o imperador Octávio. Este filme foi uma das produções mais caras da história do cinema.

### **Saiba mais: Mumificação**

Os egípcios formaram uma sociedade extremamente religiosa, sentimento este que determinou suas práticas culturais e sociais. Uma delas, por exemplo, compreendia a crença na imortalidade. Para os egípcios, a morte seria passageira e a vida retornaria para o corpo, porém o retorno à vida apenas aconteceria se o corpo do moribundo fosse conservado.

Se a alma (Rá) não voltasse para o corpo (Ká), significava que o corpo não tinha sido conservado. Parte, daí, a importância da mumificação dos corpos, do embalsamento e da conservação, para evitar a decomposição. Para isso, existiam técnicas avançadas de mumificação para os nobres e técnicas mais simples para os pobres.

As avançadas técnicas de mumificação existiram em função da desenvolvida medicina deste povo. Os médicos egípcios faziam cirurgias, cuidavam de fraturas e tinham conhecimentos da anatomia humana. Além da técnica de preservar os corpos através da mumificação, os egípcios precisavam desenvolver um método de proteger os corpos contra saqueadores, daí a construção de enormes túmulos.

**Outras informações em:** CARVALHO, Leandro. "Morte e mumificação no Egito Antigo"; Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/historiag/morte-mumificacao-no-egito-antigo.htm>>. Acesso em 20 de fevereiro de 2017.

### **Arte cretense**

Fixando-se na região sul da Grécia, os cretenses são considerados, entre outros povos, responsáveis pela formação da civilização grega. A ilha de Creta foi cenário do desenvolvimento de uma cultura rica e de uma economia sustentada, sobretudo, pelo comércio marítimo. Tal aspecto foi tão predominante entre eles, chegando a dominar regiões do Mediterrâneo.

Entre 3000 e 2000 a.C., os primeiros habitantes do lugar chegaram formando um conjunto de pequenas cidades. Já nessa época, dominavam técnicas de manuseio de metais e comercializavam com os egípcios e as populações das Ilhas Cíclades. A partir do desenvolvimento comercial, os primeiros grandes centros urbanos apareceram em Creta.

Além de se organizarem em torno do desenvolvimento comercial, a civilização cretense, também conhecida como minóica, contava com outras interessantes características. Alguns documentos trazem a ideia de que esta sociedade foi marcada pelo prestígio delegado à figura feminina. Um dos mais significativos indícios que sustentam essa tese vem do campo religioso, com o culto à Grande Mãe, deusa das terras e da fertilidade.

Após a invasão dos aqueus e dos dórios, a civilização cretense desapareceu para, anos mais tarde, dar lugar ao antigo Mundo Grego. Ao contemplarmos alguns traços da cultura helênica percebemos em que medida os gregos foram influenciados por essa antiga civilização.

### **Artes**

Em matéria de artes plásticas os cretenses nada ignoravam, produziram obras-primas de arquitetura, escultura, pintura e cerâmica. O gosto pela expressão do belo parece ter sido instintivo nos habitantes de Creta. Eles procuravam dar um toque artístico em todos os objetos, mesmo os mais comuns pertencentes às residências mais modestas. Esse espírito artístico impregnava de tal modo que até mesmo sua atividade industrial, ao produzir os mais simples utensílios, transformava-os espontaneamente em trabalhos artísticos.

Outra característica do desenvolvimento das artes em Creta foi a liberdade, que se reflete no contato do artista cretense com as obras de arte do exterior, em especial do Egito. A terra dos faraós impressionou profundamente a imaginação dos minóicos, podendo ser vista desde os modelos para vasos de pedra, os motivos religiosos, até o costume de representar os homens com a pele vermelha e as mulheres com a pele brancas. Mas o artista cretense, sem desprezar a contribuição externa, soube preservar sua independência e originalidade.

A representação da figura humana passa a ocupar papel preponderante nos afrescos. Na escultura encontramos o emprego da esteatita, da argila e do marfim. Os escultores produzem estatuetas humanas representando ídolos.

A cerâmica da época recebe um impulso com as oficinas dos palácios que aperfeiçoam a técnica e buscam novas inspirações. Os ceramistas não se limitaram a uma simples imitação das obras metálicas: aperfeiçoaram seus produtos orlando uma louça fina e delicada e aceitando a colaboração dos pintores que dotaram os vasos com belíssima

ornamentação policromia em que predominam, entre outras cores, o vermelho, e azul, o branco, em geral, sobre um fundo negro.

A cerâmica atinge um elevado grau de perfeição: suas produções se caracterizam pela decoração naturalista oriunda do Minoano Médio. Os vasos encontrados são ornados com motivos vegetais (em Gurnia), com mariscos (em Zacro), com delfins (em Pseira), com flores (em Palaikastro). O ápice da corrente naturalista em cerâmica é assinalado pelo "polvo nadador" pintado sobre um vaso encontrado em Gurnia: seus olhos, sua boca aberta, seus tentáculos retorcidos com ventosas escancaradas evocam, de um modo marcante, o modelo vivo em que a artista, certamente, se inspirou.

Apesar do desaparecimento quase total da civilização em Creta, sua ação, bem que enfraquecida e modificada, vai subsistir ainda mais de dois séculos através da arte miceniana. E as últimas descobertas mostram que, quando do reinício da plástica helênica, Creta será a iniciadora.

# GRÉCIA: O FASCÍNIO PELO BELO E PELA PERFEIÇÃO DAS FORMAS

## 3

### **Conhecimentos**

Entender as contribuições da cultura grega para a sociedade ocidental e seus reflexos na contemporaneidades

### **Habilidades**

Identificar as principais contribuições da cultura grega para a sociedade ocidental e seus reflexos nos dias atuais

### **Atitudes**

Reconhecer a importância do trabalho humano, a partir de registros sobre as formas de sua organização em diferentes contextos histórico-sociais.

## **A busca pelo ideal de beleza, proporção e harmonia. Desenvolvimento do chamado “estilo clássico”, responsável por determinar os padrões de perfeição técnica.**

Os gregos trouxeram grandes contribuições para o mundo ocidental, sobretudo, no que diz respeito às artes. Não é à toa que suas esculturas, pinturas e arquitetura impressionam, até os dias atuais, pela beleza e perfeição de suas formas. Os artistas gregos buscavam representar, por meio das artes, cenas do cotidiano grego, acontecimentos históricos e, principalmente, temas religiosos e mitológicos.

De acordo com Strickland e Boswell (2014), durante a Idade de Ouro, de 480 a 430 a. C, houve na Grécia uma grande efervescência cultural que contagiou os mais diferentes campos do saber. Esse período, inclusive, foi chamado de Época de Péricles, uma homenagem ao político ateniense que defendeu a democracia e estimulou o livre pensar.

### **Pintura**

Os artistas gregos alcançaram o apogeu com a chamada *Trompe l’oeil*, uma técnica com truques de perspectiva, que cria um efeito óptico fazendo com que formas de duas dimensões tenham a aparência de três. A técnica provém de uma expressão em língua francesa cujo significado é “engana o olho”, usada também na arquitetura. Strickland e Boswell (2014), ressaltam que essas obras não chegaram até nós, mas que podemos conhecer os detalhes realísticos da pintura grega por intermédio das figuras que adornam os objetos domésticos de cerâmica.

A pintura em vasos trazia em suas pinceladas narrativas de deuses e heróis mitológicos ou representava cenas cotidianas, como as guerras, as festas e os eventos religiosos. Os vasos, geralmente na cor preta, eram bastante utilizados neste tipo de representação artística. Estes artistas também pintavam em paredes, principalmente de templos e palácios.

[...] as figuras se destacavam em negro contra um fundo avermelhado. O artista riscava os detalhes do desenho com uma agulha, expondo a tonalidade da argila. O estilo de figura vermelha, que teve início por volta de 530 a.C., invertia o esquema de cores. As figuras, delineadas contra um fundo negro, eram compostas pelo vermelho natural da argila com detalhes pintados em preto (STRICKLAND; BOSWELL, 2014, p. 20).

### **Escultura**

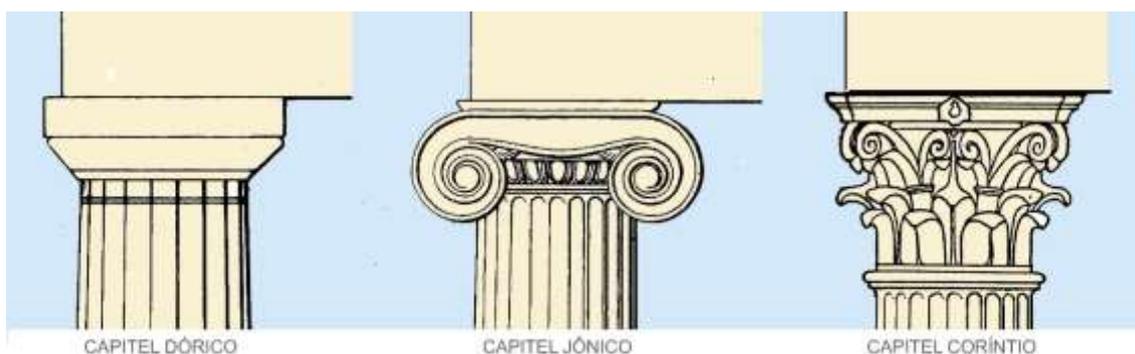
Os escultores gregos buscavam acima de tudo aproximar suas obras ao máximo do real, ou seja, as proporções ideais das estátuas representavam a perfeição do corpo, assim, nervos, músculos, veias, expressões e sentimentos são observados nas esculturas. A temática mais usada foi a religiosa, principalmente, representações de deuses e deusas. Cenas do cotidiano, mitos e atividades esportivas (principalmente relacionadas às Olimpíadas) também foram abordadas pelos escultores gregos.

Outra característica importante foi a introdução do nu na arte. Enquanto a nudez masculina sempre foi aceitável, as estátuas femininas transformaram-se de totalmente vestidas para o nu sensual. Além disso, os artistas gregos trouxeram como inovação o princípio do apoio do peso, ou contrapposto, em que o peso do corpo se apoia em uma das pernas e o corpo segue esse alinhamento, dando-nos a ilusão de uma figura surpreendida no movimento.

### **Arquitetura**

A cultura grega teve grande influência na arte e na arquitetura da civilização ocidental. Conforme Strickland e Boswell (2014), os gregos tratavam os monumentos como grandes esculturas, construídas com as mesmas normas de simetria e proporções ideais.

Os principais estilos explorados foram: o jônico, o dórico e o coríntio. Eles eram diferenciados principalmente pelo feitiço da extremidade superior das colunas, o capitel. No **estilo Jônico**, destaca-se o uso evidente dos traços de elegância e beleza. Sua estrutura delgada revela uma ligação entre o interior e o exterior do templo e entre as paredes e os suportes. Observamos ainda a existência de colunas esbeltas, decorativas, conectadas com o símbolo feminino e apresentando-se menos rigorosas que as demais. Temos como exemplos de templos estritamente ligados com a ordem jônica: o Templo de Atena Níké, o Tesouro de Delfos e o Parténon.



A arquitetura grega costuma ser dividida em três estilos: Dórico, Jônico e Coríntio.

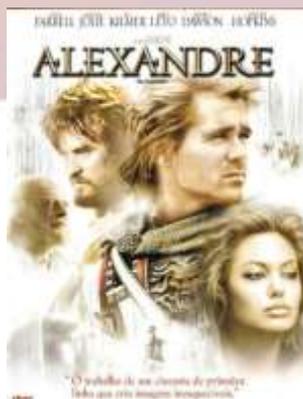
Quanto ao **estilo Dórico** algumas de suas qualidades são a funcionalidade, o rigor das formas e expressões nítidas. Suas colunas são simples e não possui base, geralmente apresentam estátuas de deuses ou heróis no topo. A ordem dórica é a mais antiga, supostamente definida em suas características principais entre 600 e 550 a.C., época dos mais antigos vestígios de templos gregos já conhecidos, a exemplo do templo de Artemisa, em Corfu.

O **estilo Coríntio** se desenvolveu através do “enriquecimento decorativo” da ordem jônica. Nele há a existência de uma base mais trabalhada do que os estilos anteriores. Dentre suas principais características se encontra a forma básica de um sino invertido, adornado por folhas e brotos de acanto, uma planta da região. Outro destaque, embora não tão marcante, era a altura das colunas, que correspondia a onze vezes o diâmetro, enquanto que as jônicas tinham altura de nove vezes o diâmetro. Os monumentos que adotaram este estilo foram: o Monumento Corégico de Lisícrates e o Templo de Zeus.

De um modo geral podemos dizer que o povo grego se serviu de duas importantes heranças: a dos povos que habitavam a bacia do Mediterrâneo, como os egípcios, os mesopotâmicos e os cretenses; e a dos povos indo-europeus, como é o caso dos aqueus, que originaram a civilização micênica e depois os dórios (grandes conhecedores do ferro e de outras técnicas de construção), no século XII a.C.

Os gregos foram os primeiros artistas realistas da história, ou seja, os primeiros a se preocupar em representar a natureza tal como ela é. A finalidade da arte estava associada à procura da beleza, da unidade e da harmonia universais, alicerçadas, é claro, por uma filosofia que buscou a relação do homem com o mundo e a sua origem, com a vida e a morte, assim como com a dimensão interior do próprio ser humano.

**Dica de filme:**



**Alexandre** (Alemanha/ França/ Holanda e Reino Unido, 2004 – Direção: Oliver Stone. Elenco: Angelina Jolie, Colin Farrell e Val Kilmer).

**Sinopse:** O diretor Oliver Stone recria a poderosa e verdadeira história de Alexandre - O Grande (Colin Farrell), que no quarto século antes de Cristo havia conquistado a Grécia, a Pérsia, o Afeganistão e a Índia - ou seja, 90% do Mundo Conhecido até então. Mesmo tendo enfrentado grandes exércitos de bidas e elefantes, ele nunca perdeu uma batalha! Visionário, explorador e sonhador, ele era também um filho carinhoso, ferido pelo amor e pela ambição de sua mãe (Angelina Jolie) e a eterna necessidade de agradar a seu pai (Val Kilmer). Seu sonho moldou o mundo como o conhecemos hoje.

# ROMA: O GRANDE IMPÉRIO

## 4

### **Conhecimentos**

Entender a história Antiga de Roma como impressionante virtude da produção cultural desenvolvida e dos avanços conquistados por esta civilização.

### **Habilidades**

Identificar as grandes realizações desenvolvidas no Império Romano e seus reflexos no mundo contemporâneo.

### **Atitudes**

Reconhecer a importância das grandes realizações desenvolvidas no Império Romano e seus reflexos e consequências nos contextos político-social e cultural no mundo contemporâneo.

## **O império romano e as esculturas realistas da figura humana; bustos idealizados de imperadores; maravilhas da engenharia, como os aquedutos e arenas. Coliseu e Pompéia.**

A história de Roma Antiga é impressionante em virtude da produção cultural desenvolvida e dos avanços conquistados por esta civilização. De uma pequena cidade, tornou-se um dos maiores impérios da antiguidade. Deste povo adquirimos um legado significativo: o direito romano, até os dias atuais presente na cultura ocidental, assim como o latim, que deu origem a língua portuguesa.

A origem de Roma possui uma explicação mitológica por meio da história de Rômulo e Remo. Segundo a qual, os gêmeos foram jogados no rio Tibre, na Itália, e resgatados por uma loba, que os amamentou. Posteriormente, foram criados por um casal de pastores. Adultos, retornam à cidade natal de Alba Longa e ganham terras para fundar uma nova cidade que seria, exatamente, Roma.

Para muitos historiadores, a constituição de Roma é resultado da fusão de três povos que foram habitar a região da Península Itálica: gregos, etruscos e itálicos. Eles desenvolveram na região uma economia baseada na agricultura e nas atividades pastoris. A sociedade, nesta época, era formada por patrícios (nobres proprietários de terras) e plebeus (comerciantes, artesãos e pequenos proprietários). O sistema político era o monárquico e a religião era politeísta, adotando deuses parecidos aos dos gregos, mudando apenas seus nomes.

No campo artístico destacava-se a pintura de afrescos, murais decorativos e esculturas com interferências gregas:

No auge do seu esplendor, o Império Romano estendia-se da Inglaterra ao Egito e da Espanha ao sul da Rússia. Expostos aos costumes de terras estrangeiras, os romanos absorveram elementos de culturas mais antigas – notavelmente da Grécia – e transmitiram essa mistura cultural (greco-romana) a toda a Europa Ocidental e ao norte da África. A arte romana veio a ser a pedra fundamental da arte de todos os períodos posteriores (BOSWELL; STRICKLAND, 2014, p. 24).

Boswell e Strickland (2014) também ressaltam que no primeiro momento de sua história, os romanos foram engolidos pela influência grega. O deslumbramento era tamanho que chegavam galeões carregados de mármore e bronze para adornar os fóruns. Somente o imperador Nero importou quinhentos bronzes de Delfos, e, quando não restavam mais originais, os artistas romanos passaram a produzir cópias. O poeta Horácio observou esse

fenômeno com ironia, ao dizer que: “A Grécia conquistada conquistou seu brutal conquistador”.

Idealizadores do maior império de todos os tempos, os romanos acrescentaram talentos gerenciais em sua história, como: organização e eficiência. Enquanto os gregos brilhavam na inovação, os romanos tinham como seu forte o campo da administração. “Por onde quer que marchassem seus generais, traziam a influência civilizadora da lei e os benefícios práticos de estradas, pontes, instalações sanitárias e aquedutos” (BOSWELL; STRICKLAND, 2014, p. 24).

### **Arquitetura romana**

Além das leis, outra significativa contribuição de Roma foi nas áreas de arquitetura e engenharia. Uma das características arquitetônicas veio da arte etrusca, por meio do uso do arco e da abóbada nas construções. Essas estruturas diminuíram a utilização das colunas gregas e aumentaram os espaços internos. Antes, se as colunas não fossem usadas, o peso do teto poderia causar tensões nas estruturas. O arco ampliou o vão entre uma coluna e outra e a tensão do centro do teto era concentrado de formas homogênea.

Os construtores romanos foram os pioneiros na utilização do concreto. Essas inovações provaram ser revolucionárias e permitiram, pela primeira vez, cobrir enormes espaços fechados sem a necessidade de suportes internos. Nas moradias romanas, as plantas eram rigorosas e desenhadas sob um retângulo. As estruturas gregas, eram admiradas pela elegância e flexibilidade e foram implantadas nessas habitações.

Para fugir da inspiração grega, os romanos criaram templos, valorizando os espaços interiores, como exemplo o Panteão, em Roma, construída durante o reinado do Imperador Adriano. Ele é o primeiro templo pagão ocupado por uma igreja cristã, devido a sua estrutura arquitetônica.

Os templos, tinham uma arquitetura diferente, uma vez que eram constituídos por um pórtico de entrada, uma escadaria, além de laterais que se diferenciavam da entrada e não tinham a mesma simetria. Utilizada pelos gregos, os romanos acrescentaram, então, os peristilos: conjuntos de colunas que formam uma espécie de galeria em torno ou diante de um edifício.

Outro importante destaque se refere à construção dos anfiteatros. A partir do uso das abóbadas e de arcos, desenvolveram um espaço amplo com capacidade para suportar muitas

peças. O público se encontrava no auditório, sendo possível construir os edifícios em qualquer lugar. O evento que os romanos mais gostavam de presenciar eram as lutas dos gladiadores e não era necessário um palco para apreciar o espetáculo. Em um espaço central elíptico era circundado pela arquibancada, com grande número de fileiras. O principal exemplo é o Coliseu, em Roma, uma das sete maravilhas do mundo moderno.

O Coliseu é uma dessas grandes construções construída na Roma antiga e é considerada uma obra-prima da engenharia. O Coliseu é um anfiteatro que abrigava 50 mil espectadores e foi construído por ordem do imperador Vespasiano. Nele as características principais da arte romana se encontravam, como a evidência de arcos e abóbadas.

### **Pintura**

Os pintores romanos usaram, ao mesmo tempo que o realismo, a imaginação, dando origem às obras que ocupavam grandes espaços, enriquecendo mais ainda sua arquitetura. A maioria das pinturas floresceram da cidade de Pompeia e Herculano, as quais foram soterradas pela erupção de um vulcão. Elas desencadearam quatro estilos de pintura. São eles:

1º estilo-As paredes eram pintadas com gesso, dando-nos a impressão de placas de mármore;

2º estilo - Descobriu-se que a ilusão com gesso poderia ser substituída pela pintura propriamente dita: os artistas romanos pintavam painéis, com pessoas, animais, objetos sugerindo profundidade;

3º estilo - Valorização dos detalhes: no final do século I a. C., a realidade das representações foi trocada por detalhes. O que conferia a sua produção pictórica uma riqueza e variedade de elementos;

4º estilo - Volta da profundidade, dos espaços: a ilusão dos espaços foi combinada a delicadeza das pinceladas, dando origem ao quarto estilo, presente, por exemplo, na sala da casa dos Vetti, em Pompéia. Esta casa é um documento essencial para o estudo da pintura clássica de Roma antiga e é também uma das mais importantes construções da cidade de Pompéia. O seu ótimo estado de conservação permite-nos estudar uma habitação da classe alta do lugar, além de nos possibilitar observar o modo como a burguesia afirmava o seu prestígio através da construção de edifícios luxuosos, semelhantes ou até superiores aos da aristocracia. A sua decoração pictórica foi realizada, na sua maioria, depois do terramoto de

62 d. C. e representa um inigualável testemunho da pintura do IV estilo.

Todo o edifício se conservou praticamente intacto ou foi minuciosamente restaurado por especialistas. À entrada da casa encontramos Príapo, uma escultura de forte conotação sexual, muito frequente nas casas de Pompéia, pois simbolizava a fertilidade e funcionava como elemento protetor da residência.

A pintura mural (afrescos) era bem presente na cultura romana, ela recorreu ao efeito da tridimensionalidade. Os afrescos de Pompéia são representativos deste período. Trazendo consigo cenas do cotidiano, figuras mitológicas, religiosas e as conquistas militares do Império Romano. Não é à toa que os gêneros artísticos mais comuns na pintura romana eram: paisagens, retratos, arquiteturas, pinturas populares e pinturas triunfais.

Os pintores romanos usavam como materiais para seu trabalho, tintas produzidas a partir de elementos da natureza como, por exemplo, metais em pó, vidros pulverizados, substâncias extraídas de moluscos, pó de madeira e seivas de árvores.

### **Escultura**

Na escultura, os romanos eram muito distantes, em alguns aspectos, dos gregos. Eles possuíam um estilo mais literal, não representavam o ideal do belo, e buscavam a cópia fiel das pessoas, retratando seus traços particulares. Como um exemplo disso, podemos citar a estátua do imperador romano, Augusto, criada por volta de 19 a.C. O artista responsável pela obra, detalhou as feições reais do imperador Augusto, a couraça e as capas romanas. Essa preocupação também foi encontrada em relevos esculpidos, pois eles tinham a finalidade de representar os acontecimentos e as pessoas. Dentre os principais exemplos ainda se destacam:

- A Coluna de Trajano: construída no século I da era cristã, que apresenta a luta do imperador romano com os exércitos romanos na Dácia.
- A Coluna de Marco Aurélio: construída um século depois, que simbolizava a vitória dos romanos sob um povo da Alemanha do Norte.

Os bustos e os monumentos são os que mais se sobressaem na sociedade romana nos espaços públicos e privados. As esculturas gregas do período helenístico sempre foram referência para os artistas romanos, entretanto, ao longo do tempo, a escultura romana ganhou uma identidade própria. A arte romana também se destacou com a criação dos relevos arquitetônicos ou relevos narrativos. Sua principal característica comparada aos

relevos gregos é uma maior preocupação em conferir uma ilusão de profundidade espacial como é possível verificar no relevo “Cortejo Imperial” criado em 13 – 9 a.c. e que faz parte do friso de *Ara Pacis* em Roma.

Os romanos tinham em casa máscaras mortuárias, produzidas em cera, dos seus ancestrais. Essas imagens realísticas eram moldes totalmente factuais das feições do falecido, e essa tradição influenciou os escultores de Roma. Sem dúvida, este povo contribuiu muito com a história da arte, tendo um espírito prático e apto para construir teatros, templos, casas, aquedutos, entre outros. No início do século III, eles começaram a enfrentar lutas internas, por causa da entrada dos povos bárbaros. A preocupação com a arte foi diminuindo e no século V, o Império Romano entrou em declínio e foi dominado pelos invasores germânicos.

#### **Saiba mais: As lutas no Coliseu:**

Os imperadores distraíam as multidões com diversão em larga escala. O combate de gladiadores era o evento mais popular, que tinha o Coliseu como palco principal. Alguns entravam na arena armados com escudo, espada e elmo, enquanto outros traziam apenas a rede e o tridente. Os lutadores faziam uso de luvas de couro e cerravam os punhos em volta de pequenos cilindros de ferro. E para garantir um desempenho enérgico, o combate era mortal.



Coliseu - também conhecido como Anfiteatro Flaviano, é um anfiteatro oval localizado no centro da cidade de Roma, capital da Itália. Construído com concreto e areia, é o maior

anfiteatro já construído e está situado a leste do Fórum Romano.

Conforme Boswell e Strickland (2014), num dia de espetáculo chegava a morrer cerca de 40 gladiadores. Seus corpos eram arrastados para fora da arena com um gancho de metal. Os combates preliminares apresentavam execuções de criminosos, seguidas de lutas de homens contra animais ferozes.

O Coliseu foi tão bem arquitetado que serviu de inspiração para o desenvolvimento dos projetos dos estádios atuais. Três tipos de colunas adornam o prédio de 54 metros de altura: a ordem dórica na base, a jônica no meio e a coríntia no alto – uma sequência típica de um edifício romano de muitos andares. O equilíbrio das colunas verticais e das faixas horizontais formadas por arcos dava unidade ao exterior, relativizando a enorme fachada numa escala mais próxima à humana.

### **Saiba mais: Pompéia, a cidade tomada pelo vulcão**

Pompéia era uma cidade luxuosa, com uma população de no total 25 mil habitantes. As escavações científicas, começadas em meados do século XIX, revelaram não só objetos corriqueiros, mas ainda residências inteiras com pinturas de naturezas-mortas e paisagens realistas em todas as paredes. Como as casas não possuíam janelas, mas se abriam para um pátio central, os romanos pintavam janelas de faz de conta “se abrindo” para cenas requintadas.



Ruínas da cidade de Pompéia e ao fundo o vulcão Vesúvio. A explosão foi tão forte que o antigo topo (o Vesúvio tinha a aparência de cone) transformou-se em duas crateras planas. Foi como se a

montanha tivesse rachado ao meio.

Esse estilo de pintura em paredes abrangia desde simples imitações de mármore colorido até cenas de complexos panoramas urbanos, como se fossem vistos por meio de janelas imaginárias constituídas por colunas imaginárias. Os artistas de Pompéia tinham o domínio de técnicas da perspectiva e dos efeitos de luz e sombra. As paredes resplandeciam com vívidos painéis em vermelho, ocre e verde.

Pompéia tem em sua história a marca da tragédia, ela foi totalmente destruída com a erupção do monte Vesúvio. Uma camada de seis metros de cinzas e pedras-pomes cobria os habitantes da cidade. Ficaram cobertos esquecidos – por 1.700 anos, preservando uma incrível quantidade de artefatos, mosaicos e murais, praticamente intactos, como vimos anteriormente.

# IDADE MÉDIA: PARA ALÉM DA ESCURIDÃO

## 5

### **Conhecimentos**

Conhecer os principais fundamentos das transformações religiosas ocorridas na Europa no final da Idade Média (Reforma e Contra-Reforma) e seus reflexos na produção artística.

### **Habilidades**

Identificar as características mais importantes da arte na Idade Média europeia.

### **Atitudes**

Reconhecer que as manifestações artísticas na Idade Média tinham o intuito de instruir as pessoas sobre os temas da religiosidade.

## **A arte espiritual para inspirar a devoção religiosa. Arte Bizantina (ícones e mosaicos). Arte Gótica (arquitetura, escultura, vitrais e tapeçaria).**

A Idade Média teve início na Europa a partir das invasões bárbaras, no século V, sobre o Império Romano do Ocidente. Essa época estende-se até o século XV, com a retomada comercial e o renascimento urbano. O período medieval se caracteriza, dentre inúmeros aspectos, pela economia ruralizada, pelo enfraquecimento comercial, pela supremacia da Igreja Católica, pelo sistema de produção feudal e pela sociedade hierarquizada.

Desses aspectos, um dos mais importantes, sobre o qual girava todos os aspectos da vida medieval, estava a predominância do catolicismo. Detentora do poder espiritual, a Igreja influenciava o modo de pensar, a psicologia e as formas de comportamento da população. Ela também tinha grande poder econômico, uma vez que possuía terras em grande quantidade e até mesmo servos trabalhando. Os monges viviam em mosteiros e eram responsáveis pela proteção espiritual da sociedade. Passavam grande parte do tempo rezando e copiando livros e a Bíblia.

### **Artes**

O campo da arte foi fortemente marcado pela religiosidade da época. As pinturas e os vitrais, por exemplo, retratavam passagens bíblicas e ensinamentos religiosos, sendo estas maneiras de ensinar à população um pouco mais sobre o catolicismo. Lembrando que na Idade Média (ou medievo) poucas pessoas sabiam ler. Essa atividade era exclusiva dos membros da Igreja (clero) e dos nobres. Daí o caráter didático da arte religiosa cujo intuito era o de aproximar as pessoas da religiosidade. Na arquitetura a ênfase foi para a construção de castelos, igrejas e catedrais.

Embora, a Idade Média seja conhecida com a Idade das Trevas, há muitos pontos de luz em sua produção artística e arquitetônica, desde o esplendor da corte bizantina, em Constantinopla, até a imponência das grandes catedrais góticas. Conforme Boswell e Strickland (2014), três movimentos importantes obtiveram grande repercussão na civilização ocidental:

1. A liderança cultural se deslocou do norte do Mediterrâneo para a França, Alemanha e Ilhas Britânicas;
2. O cristianismo triunfou sobre o paganismo e o barbarismo;
3. A ênfase se deslocou do aqui e agora para o além, e da concepção de corpo belo para a de corpo corrupto.

Nesse contexto, onde o foco cristão se dirigia para a salvação e a vida eterna, foi desaparecendo o interesse pela representação realista do mundo. Assim, os nus foram proibidos e, mesmo, as imagens de corpos vestidos revelavam prudência anatômica. Além disso, os ideais greco-romanos de proporções harmoniosas e equilíbrio entre corpo e mente desapareceram. Os artistas medievais se interessavam exclusivamente pelo espírito, dispostos principalmente a conquistar e iniciar novos fiéis nos dogmas da Igreja.

A arte se tornou serva do clero. Os teólogos tinham a crença de que os cristãos aprenderiam a apreciar a beleza divina por meio da beleza material, e o resultado disso foi uma profusão de mosaicos, pinturas e esculturas. No campo arquitetônico, essa orientação para o espiritual tomou a forma de construções mais arejadas e leves. A massa e o volume da arquitetura romana cederam lugar para edificações que refletiam o ideal cristão: discretos no exterior, mas refulgentes com mosaicos, afrescos e vitrais espiritualmente simbólicos no interior. De uma maneira geral, podemos dizer que a arte medieval é constituída por três estilos diferentes: bizantino, romano e gótico.

### **Estilo Bizantino**

O bizantino faz referência à arte do Mediterrâneo oriental desde 330 d.C., quando Constantino transferiu o trono do Império Romano para Bizâncio (mais tarde, viria a ser Constantinopla) até a queda da cidade nas mãos dos turcos, em 1453. Nesse ínterim, enquanto Roma era devastada pelos bárbaros, Bizâncio se tornou o centro de uma brilhante civilização, combinando a arte primordial cristã com a predileção grega oriental pela riqueza das cores e da decoração. Mas o apogeu da cultura bizantina ocorreu durante o reinado de Justiniano (526-565 d.C.), considerada como a Idade de Ouro do império.

O grande destaque da arquitetura foi a construção de Igrejas, facilmente compreendido dado o caráter teocrático do Império Bizantino. Dessa maneira, elas eram construídas de formas espaçosa e monumental, determinando a utilização de cúpulas sustentadas por colunas, onde haviam os capitéis, trabalhados e decorados com revestimento de ouro, destacando-se a influência grega.



A Catedral de Santa Sofia tornou-se o maior símbolo do estilo arquitetônico bizantino.

A Igreja de Santa Sofia é o exemplo mais importante dessa arquitetura, onde trabalharam mais de dez mil homens durante quase seis anos. Por fora o templo apresenta uma estrutura simples, contudo, internamente, o edifício é caracterizado pela grande suntuosidade, utilizando-se de mosaicos com formas geométricas, de cenas do Evangelho.

Santa Sofia é, portanto, o resultado da união dos vários estilos das grandes construções de Roma. A estrutura se assemelha a uma basílica romana, com uma forma retangular. Além da dimensão, o seu grandioso domo central, que é aqui pela primeira vez usado, torna-se um dos mais impressionantes atrativos e fica como símbolo maior da arquitetura bizantina.

Quatro arcos formam um quadrado que sustenta pendentes de abóbadas esféricas, que, por sua vez, apoiam o imenso domo. A base deste domo é vazada por quarenta janelas em arco que permitem a entrada da luz, dando leveza à estrutura e oferecendo a ilusão de um halo celestial.

Quando o imperador Justiniano decidiu construir uma igreja em Constantinopla, a maior cidade do mundo durante quatrocentos anos, quis fazê-la tão grandiosa quanto seu império. Contratou dois matemáticos para o projeto: Antêmio de Tales e Isidoro de Mileto, que superaram as expectativas com uma estrutura completamente inovadora, reconhecida como o clímax do estilo arquitetônico bizantino. Hagia Sophia (que significa “sabedoria sagrada”) mescla o grande porte das construções romanas, como as Termas de Caracala, com atmosfera mística oriental. Com um comprimento em que caberiam três campos de futebol, combina a planta retangular de uma basílica romana com um imenso domo central. Os

arquitetos conseguiram esse vão graças à contribuição da engenharia bizantina: pendentes de abóbada esférica. Pela primeira vez, quatro arcos compondo um quadrado (em oposição às paredes redondas que suportavam o peso, como no Partenon) formaram o suporte para um domo. Essa revolução estrutural é responsável pelo interior grandioso desobstruído e pelo domo altíssimo. Quarenta janelas em arco envolvendo a base do domo criam a ilusão de que este repousa sobre um halo de luz. Essa radiância das alturas parece dissolver as paredes em luz divina, transformando o material numa visão do outro mundo. A obra fez tanto sucesso que Justiniano se vangloriou: “Rei Salomão, eu vos sobrepujei!” (BOSWELL; STRICKLAND, 2014, p. 33).

Na cidade italiana de Ravena, conquistada pelos bizantinos, desenvolveu-se um estilo sincrético, fundindo elementos latinos e orientais, onde se destacam as Igrejas de Santo Apolinário e São Vital, destacando-se esta última onde existe uma cúpula central sustentadas por colunas e os mosaicos como elementos decorativos.



Vista interior da Igreja de Santo Apolinário. O edifício é um importante monumento da arte bizantina localizado em Ravena, na Itália. Foi erguido por ordem do bispo Ursicino.

Comparada as demais linguagens artísticas, a pintura bizantina não teve grande desenvolvimento, pois assim como a escultura sofreram forte obstáculo devido ao movimento iconoclasta. Encontramos três elementos distintos: os ícones, pinturas em painéis portáteis, com a imagem da Virgem Maria, de Cristo ou de santos; as miniaturas, pinturas usadas nas ilustrações dos livros, portanto ligadas com a temática da obra; e os afrescos, técnica de pintura mural onde a tinta era aplicada no revestimento das paredes, ainda úmidos, garantindo sua fixação.

Já no campo da escultura, destaca-se os trabalhos desenvolvidos com o marfim, sobretudo os dípticos, obra em baixo relevo, composta por dois pequenos painéis que se

fecham, ou trípticos, obras semelhantes às anteriores, porém, introduz-se uma parte central e duas partes laterais que se fecham.

O mosaico, por sua vez, foi uma forma de expressão artística fundamental no Império Bizantino, principalmente durante seu apogeu, no reinado de Justiniano, consistindo na formação de uma figura com pequenos pedaços de pedras colocadas sobre o cimento fresco de uma parede. A arte do mosaico serviu para retratar o Imperador ou a imperatriz, destacando-se ainda a figura dos profetas.



Jesus Cristo em mosaico pertencente a Igreja de Santa Sophia. As imagens em mosaico eram formadas a partir de pequenos pedaços de pedra coloridos, colados nas paredes.

Os mosaicos eram utilizados na difusão do cristianismo, logo, o tema era a religião em geral, mostrando Cristo como mestre e senhor todo-poderoso. Uma suntuosa grandiosidade, com halos iluminando as figuras sagradas e fundo refulgindo em ouro, caracterizava essas obras.

As figuras humanas se apresentavam chapadas, rígidas, simetricamente colocadas, parecendo estar penduradas. Os artesãos não tinham interesse em sugerir perspectiva ou volume. Figuras humanas altas, esguias, com faces amendoadas, olhos enormes e expressão solene, olhavam diretamente para a frente, sem o menor esboço de movimento.

### **Estilo Romano**

Com o estabelecimento da fé católica romana, houve uma proliferação de construções de igrejas pela Europa feudal. Seus construtores tomaram emprestado elementos da arquitetura romana, como colunas e arcos redondos, surgindo, dessa forma, o termo “romântica” para definir a arte e a arquitetura desse período. A arte românica, portanto, recebe esse nome uma vez que está associada à cultura romana. O estilo foi desenvolvido durante o período denominado de Alta Idade Média (entre os séculos V e IX).

Na arquitetura, temos os castelos, igrejas e mosteiros que revelam o modo mais “pesado” em relação à arte gótica. Com poucas janelas, nesses locais a entrada de luz era escassa. Ou seja, as paredes das construções eram grossas, as quais revelavam o intuito principal de defesa. Nesse período prevaleceu as abóbadas e os arcos de volta perfeita. A horizontalidade das construções representou um importante característica desse período. As plantas arquitetônicas eram construídas em forma de cruz e a horizontalidade da construção era bastante evidente.

[...] os prédios romanos tinham tetos de madeira, muito suscetíveis a incêndios, os artesãos medievais passaram a fazer os tetos das igrejas em abóbadas de pedra. Com esse sistema, abóbadas cilíndricas ou com arestas apoiadas em pilastras proviam grandes espaços, livres de colunas e obstáculos. Levando em conta a peregrinação, muito em moda na época, a arquitetura das igrejas é adequada para receber as multidões em visitação maciça a relicários de roupas e ossos de santos, ou de pedaços da Santa Cruz trazidos pelos cruzados. A planta é cruciforme, com uma longa nave atravessada por um transepto mais curto, simbolizando o corpo de Cristo crucificado. As arcadas permitiam aos peregrinos andar pelos corredores periféricos sem perturbar os serviços religiosos na nave central. O *chevet* (“travesseiro, em francês), assim chamado por ser concebido como o lugar para descanso da cabeça de Cristo preso à cruz, é a parte atrás do altar, capelas semicirculares onde se guardam os relicários. O exterior das igrejas românicas é bastante despojado, exceto pelos relevos esculturais em volta do portal principal. Como a maioria dos fiéis era analfabeta, as esculturas ensinavam a doutrina religiosa, contando histórias gravadas na pedra. A escultura ficava concentrada no tímpano, que é o espaço semicircular entre o arco e o dintel da porta central. Cenas da ascensão de Cristo ao trono celestial eram muito populares, assim como sombrios dioramas do Juízo Final, em que demônios agarram almas desesperadas e diabos horríveis estrangulam e cospem nos corpos nus dos condenados (BOSWELL; STRICKLAND, 2014, p. 34).

Na pintura e escultura, os temas estavam essencialmente voltados para a religião. Essas manifestações artísticas eram encontradas nas igrejas e nos castelos, com o intuito de adornar, bem como instruir as pessoas sobre os temas da religiosidade.



Juízo Final no tímpano da Catedral de Autun. Na escultura românica, o realismo visava o moralismo. Corpos distorcidos no nicho de alvenaria possuíam expressões de intensa emoção.

### **Estilo Gótico**

O esplendor do desenvolvimento artístico da Idade Média, em seu pleito com as maravilhas da Grécia e da Roma da Antiguidade, foi a catedral gótica. As chamadas “Bíblis de pedra” superaram até mesmo a arquitetura clássica em termos de ousadia e tecnologia.

A possibilidade de se construir catedrais góticas se deveu, em especial, a dois desenvolvimentos da área da engenharia. São eles: o uso da abóbada com traves e suportes externos denominados de arcobotantes ou contrafortes. E a aplicabilidade dessas pontas de apoio nos locais necessários permitiu trocar as paredes grossas com janelas estreitas por paredes estreitas com grandes janelas em vitrais inundando de luz o interior do prédio.

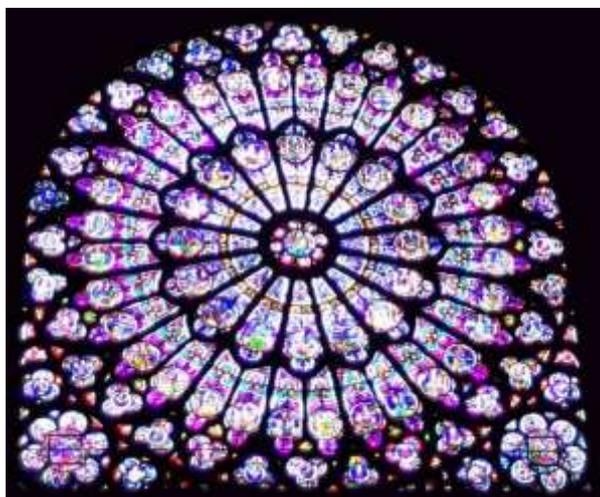


O mais famoso edifício da cidade de Colônia, na Alemanha, é a catedral que leva o nome da cidade. Ela começou a ser construída em 1248 e demorou mais de 600 anos para ficar pronta. De estilo gótico, conta com 157 metros de altura e quando foi concluída era o prédio considerado mais alto do mundo.

A Arte Gótica é posterior à arte românica, e fora desenvolvida no período denominado de Baixa Idade Média (século X ao XV). Diferente da arte românica, a gótica revelou maior leveza e abertura. Ou seja, se compararmos a arquitetura dos dois períodos, notamos que no estilo gótico, as construções não usufruíam de paredes muito grossas. Outro fator é que as entradas, seja das igrejas ou dos mosteiros, já incluíam mais aberturas desde janelas e portas. Lembrando que essas janelas eram muito estreitas, enquanto na arte gótica elas se tornaram maiores e em grande quantidade, permitindo então, a entrada da luz. Podemos dizer ainda que nesse período prevaleceu os arcos de volta-quebrada e as ogivas.

Uma das características mais relevantes da arquitetura gótica estava a verticalidade. Isto é, as construções eram muito elevadas, as quais revelam a força da religiosidade. Quanto mais alto, mais perto de Deus estavam. De um modo geral, esse tipo de edificação simbolizava o orgulho cívico e, dessa forma, o pior insulto para a cidade era ver um invasor pôr abaixo a torre catedral. A devoção coletiva por esses prédios era tamanha que todos os

segmentos da população participavam de suas construções. Os quais levavam literalmente séculos para serem erguidos. A Catedral de Colônia, por exemplo, levou seis séculos para ser construída.



Roseta. Catedral de Chartres. Século XIII. Milhares de peças de vidro tingindo com elementos químicos, como cobalto e manganês, unidos por tiras de chumbo que também delineiam as figuras que compõem o desenho.

Outro aspecto significativo, é que da mesma maneira que na arte românica, as pinturas e esculturas góticas tinham como principal tema a religião. Os vitrais foram muito comuns nesse período. Eram feitos de vidro e repleto de cores. Geralmente representavam temas religiosos, no entanto, há aqueles em formato arredondados, tal qual as rosáceas e mosaicos.

A Catedral de Chartres é a alma visível da Idade Média. Ela foi construída para abrigar o véu da Virgem, doado à cidade pelo neto de Carlos Magno – Carlos, o Calvo – em 876. Seus vitrais, consistem na mais intacta coleção de janelas medievais do mundo, ocupando uma área total de 8.800 metros. Ilustrando passagens da Bíblia, as vidas dos santos na Terra e até mesmo os artesanatos tradicionais da França, os vitrais são gigantescos manuscritos iluminados.

A tapeçaria também teve um destaque importante nessa época. Os tecelões da Idade Média criaram peças altamente refinadas, detalhando as nuances das cenas da vida contemporânea. Imensos tapetes em lã e seda, usados para cortar correntes de ar, adornavam as paredes de pedra de castelos e igrejas. Os temas eram copiados de pinturas em grande

escala postas por trás da urdidura (ou comprimento total dos fios) no tear.

Há uma série de sete tapeçarias famosa, representando a lenda do unicórnio. De acordo com a crença popular, a única forma de se capturar esse animal mágico era usar uma virgem como isca na floresta. Assim, o animal iria dormir com a cabeça no colo da moça e, quando acordasse, estaria preso. Uma vez capturado, o unicórnio deveria ser amarrado em uma romãzeira, árvore símbolo da fertilidade e que, por conter muitas sementes numa só fruta, era símbolo também da Igreja.



O unicórnio no cativeiro, c. 1500, *The Cloisters*, MMA, NY.

Para finalizar o estilo gótico, podemos dizer que as igrejas representavam mais que uma simples reunião de espaços. Elas eram verdadeiros textos sagrados, com volumes de ornamentos pregando, sobretudo, o caminho da salvação.

# O RENASCIMENTO DA ARTE: A LUZ VOLTA A REINAR

## 6

### **Conhecimentos**

Compreender os principais pontos que caracterizam o período Renascentista no que se refere as manifestações de arte.

### **Habilidades**

Relacionar as manifestações do pensamento e da criação artístico-literária aos seus contextos históricos específicos.

### **Atitudes**

Posiciona-se criticamente sobre as manifestações do pensamento e da criação artístico-literária aos seus contextos específicos.

**A arte clássica renasceu graças as descobertas revolucionárias, como a anatomia e a perspectiva. O reflexo da produção italiana se estende por toda a Europa.**

O Renascimento, também conhecido como Renascentismo ou Renascença, é o período de transição entre a Idade Média e a Idade Moderna, que ocorreu principalmente na Itália, e se alastrou por toda a Europa. Importantes acontecimentos artísticos e culturais marcaram esse momento, invadindo o ocidente do século XV.

O período renascentista caracterizou-se pela redescoberta da arte e da literatura da Grécia e de Roma, o estudo científico do corpo humano e do mundo natural e o objetivo de reproduzir com realismo as formas da natureza. Inclusive, com o amadurecimento dos novos conhecimentos técnicos, a exemplo do estudo da anatomia, os artistas evoluíram na arte de pintar retratos, paisagens, motivos mitológicos e religiosos. Desde os retratos detalhistas de Jan van Eyck, passando pela intensidade emocional das gravuras de Dürer, até os corpos retorcidos e a iluminação extraordinária de El Greco, a arte foi o instrumento de explorar todas as facetas da vida no mundo.

Além disso, o desenvolvimento das atividades comerciais propiciou o início das grandes navegações e a agitada atividade cultural do ocidente, fazendo surgir ações direcionadas para o homem. Esse pensamento já vinha se transformando desde o enfraquecimento da Igreja Católica, que praticamente dominava toda a cultura na Idade Média com visão e pensamento teocêntricos.

A princípio, esse sentimento humanista partiu de uma elite, composta por intelectuais ricos, que buscavam na antiguidade, sobretudo na cultura greco-romana, o ideal perfeito de civilização. As manifestações dessa classe, contudo, refletiram em todo o ocidente, e mudaram as concepções de sociedade, de cultura e de religião da época.

Dentre as transformações mais lembradas estão as transcorridas no campo das artes. E o principal ponto que caracteriza o período Renascentista é o antropocentrismo, em oposição ao teocentrismo observado na Idade Média.

<b>Valores medievais</b>	<b>Valores renascentistas</b>
1. O tempo pertence a Deus. Assim, é pecado emprestar dinheiro a juros, ou seja, cobrar juros pelo tempo em que ele teve emprestado.	1. O tempo pertence ao homem que deve, portanto, usá-lo em benefício próprio.
2. A fé é mais importante que a razão.	2. Razão e fé são importantes.
3. As ações coletivas são valorizadas. As pessoas consideram-se membros da cristandade.	3. Valorizam-se o talento e a capacidade de cada um. Individualismo.
4. Deus está no centro das atenções. (teocentrismo)	4. O homem está no centro das atenções. (antropocentrismo)
5. O corpo é fonte de pecado.	5. O corpo é fonte de beleza.

Na Idade Média, quando a Igreja Católica dominava todas as dimensões da sociedade, fazia propagar a crença de que Deus era o centro do universo, e era a única verdade que o homem poderia encontrar. Com o Renascimento, essa mentalidade mudou. Neste período, buscava-se compreender o homem como centro de todas as ações, e que a verdade só seria encontrada por intermédio da experimentação e observação. Nascia aí um pensamento científico que estivesse desconectado da explicação mítico-religiosa da igreja.

No período medieval, a vida material deveria ser ignorada, em detrimento da imersão na eternidade. O corpo, fonte de todos os pecados, deveria ser disciplinado e controlado para manter as virtudes da alma do homem. Para os renascentistas, a vida terrena também era importante, e o homem deveria buscar o prazer de viver e a beleza da natureza em que ele se encontra inserido.

Outra questão que passou por profundas transformações foi o sentimento de conformismo da Idade Média. As pessoas aceitavam qualquer situação de forma passiva, sem questionamento e posicionamento crítico. Antes elas eram movidas principalmente pela crença no caráter incontestável das coisas. Enquanto que no Renascimento, o conceito de fé era considerado diferente do conceito de razão, e as pessoas passaram a acreditar no progresso da ciência e na possibilidade de mudanças.

Não só caracterizado como um período marcado por grandes mudanças no pensamento, o Renascimento trouxe um contexto cultural muito rico. A facilidade de

impressão e ilustração favoreceu a proliferação de textos. A valorização do homem na sua individualidade influenciou a arquitetura, a escultura, a literatura e principalmente a pintura.

### **Pintura**

As pinturas retratavam com realismo as diferentes formas humanas, a beleza dos corpos e a sensualidade, o que se distanciava daquelas padronizadas e reguladas pela Igreja Católica. Um dos quadros mais famosos do Renascimento é a Mona Lisa ou *La Gioconda*, de Leonardo da Vinci, que, atualmente, se encontra exposto no museu do Louvre, em Paris.

Os princípios de geometria eram utilizados nas pinturas, proporcionando noções de profundidade e perspectiva aos trabalhos. A aplicação de tons claros e escuros favoreciam essa técnica, e ajudavam a garantir o volume dos corpos em relação aos objetivos vistos à distância. Os quadros passaram a se tornar elementos independentes, não apenas para decorar ambientes, mas para serem apreciados como manifestações independentes da arquitetura.

Durante a Renascença, as inovações técnicas e as descobertas possibilitaram o surgimento de novos estilos para representar a realidade. Os quatro passos mais importantes foram a mudança de pintura a têmpera, em painéis de madeira, e o afresco, em paredes de alvenaria, para a pintura a óleo em telas esticadas; o uso da perspectiva; dando peso e profundidade à forma; o uso de luz e sombra, em oposição a linhas desenhadas; e as composições piramidais na pintura.

### **Escultura**

Antes utilizadas apenas para decorar paredes, no Renascimento, as esculturas passam a ser apreciadas em todos os seus ângulos. O equilíbrio das expressões corporais, a proporcionalidade dos traços e as expressões faciais demonstram o quanto a questão humana passou a ser valorizada. O Davi de Donatello é um dos principais exemplos dessa arte. O escultor foi pioneiro ao introduzir massas corporais arredondadas em suas obras.

### **A Ciência e o Renascimento**

No campo científico, a principal mudança foi em relação à teoria geocêntrica, elaborada na antiguidade e difundida pela Igreja Católica. Nessa teoria, a Terra estaria imóvel nos universos, e os outros corpos celestes, inclusive o Sol, é que girassem em torno dela. Nicolau Copérnico, matemático e astrônomo, foi o primeiro a questionar isso, e propor a tese do heliocentrismo, ou seja, defendeu que o Sol é que girava em torno da Terra. A ideia de Copérnico foi aceita com ceticismo, porque o matemático não podia comprovar sua tese, uma vez que teria chegado a essa conclusão apenas com suas observações dos astros a olho

nu. No entanto, essa primeira ideia influenciou outros estudiosos, como Galileu Galilei e Isaac Newton.

### Alguns dos principais artistas do Renascimento

**Sandro Botticelli** – um dos mais importantes artistas do Renascimento Cultural. Em suas obras seguiu temáticas religiosas e mitológicas. As pinturas de Botticelli são marcadas por um forte realismo, movimentos suaves e cores vivas. Dentre suas principais obras estão: “O Banquete de Casamento”, exposto no museu do Prado em Madrid, “O Castigo dos Rebeldes”, que compõe a decoração da Capela Sistina, e, claro, a tela “O Nascimento de Vênus”.



A deusa de Botticelli incorpora o ideal de beleza do Renascimento: seus membros claros são longos e elegantes, os ombros se inclinam, a barriga é sensualmente arredondada e sua expressão de rosto refinado apresenta algo de etéreo.

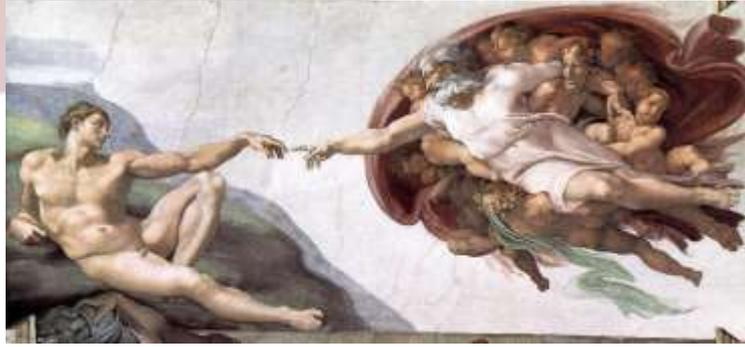
**Leonardo da Vinci** – o mais famoso artista do Renascimento, ele utilizou com perfeição o jogo de luz e sombra para gerar uma atmosfera realística em suas obras. A Mona Lisa, seu trabalho mais conhecido, é um exemplo disso; pois a técnica é tão perfeita, que de qualquer ângulo que o quadro for apreciado, a impressão é que nossos olhos são perseguidos por *La Gioconda*. O artista despertou a curiosidade por quase tudo na natureza. Ele é considerado um dos primeiros a sondar os segredos do corpo humano e o desenvolvimento dos fetos no útero, dissecando cadáveres. Observou o voo dos pássaros e dos insetos, o crescimento das plantas, as formas, sons e cores do meio natural, que por sua vez, dariam

base a sua arte. Também se dedicou a escrever da direita para esquerda de maneira que suas anotações só poderiam ser lidas refletidas no espelho e foi o inventor de uma técnica que os italianos chamaram de *sfumato*. A qual consistia em fazer com que uma forma se misturasse a outra por meio de contornos embaçados e cores suaves. Como inventor criou centenas de projetos de hidráulica, cosmologia, geologia, mecânica, música e audaciosos projetos de engenharia. Apesar de a maioria de seus projetos nunca tenha saído do papel é inegável sua contribuição para o campo das ciências.



Monalisa também conhecida como A Gioconda ou ainda Monalisa del Giocondo é a mais notável e conhecida obra de Leonardo da Vinci, um dos mais eminentes homens do Renascimento italiano.

**Michelangelo di Lodovico** – foi pintor, escultor e arquiteto, considerado junto com Leonardo da Vinci, um dos artistas mais geniais da história da cultura ocidental. Entre esculturas e pinturas, a obra mais famosa de Michelangelo está no teto da Capela Sistina, que pintou a convite do próprio Papa Júlio II. Mesmo contrariado, porque se auto dizia mais escultor do que pintor, ele realizou um trabalho magnífico, que impressiona até hoje. O conjunto de sua obra revela um forte apego ao ideal do homem perfeito: “belo, bom e verdadeiro”.



A Criação de Adão é um afresco pintado por Michelangelo, que fica no teto da Capela Sistina.

**Rafael Sanzio** - ao lado de Leonardo da Vinci e Michelangelo, Rafael formou a tríade mais importante dos grandes mestres da arte italiana da Renascença. Pintor italiano nascido na cidade de Urbino, inovou as técnicas de pintura, ao utilizar contrastes de luzes e sombras. Ficou conhecido por suas diversas “Madonas” (mãe de Jesus), das quais se destaca: “Madona e o Menino Entronados com Santos” (1505). Ele se tornou famoso pela aura graciosa que cercava sua obra, e também por uma perfeição sem igual. Realizou trabalhos diversos, como retratos, tapeçarias, cenografias e ornamentações sacras, altares, planos arquitetônicos direcionados para edificações não religiosas, e igrejas como a de Sant'Eligio degli Orefici.



Casamento da Virgem, Rafael Sanzio, 1504, óleo sobre madeira, Milão.

**Donatello** - além da tríade dos principais representantes da Renascença, Donatello foi um importante escultor italiano do período. Introduziu novas técnicas artísticas ao utilizar diferentes materiais para compor suas esculturas, tal qual, mármore, bronze e madeira. Seus trabalhos mais representativos são: a escultura de “São Marcos”, em Florença, e “Gattamelata”, na cidade de Pádua.



Monumento Equestre de Gattamelata. Bronze, 1443-1450  
Pádua, Piazza del Santo.

### **Alguns dos principais escritores renascentista**

**Michel de Montaigne** – inaugurou o estilo de escrita ensaio. Em seus textos, o escritor analisou a sociedade, os costumes e a educação. Ele escrevia sobre as concepções de sua época e sobre a totalidade humana. Atualmente, seus ensaios são utilizados para promover reflexões filosóficas.

**Nicolau Maquiavel** – o historiador e poeta deu início ao pensamento político moderno. Ele escreveu sobre o Estado e sobre o Governo. Suas principais obras são: “O Príncipe” e “A Arte da Guerra”.

**William Shakespeare** – foi o principal representante do movimento renascentista inglês, ele é reconhecido com o maior escritor da Inglaterra. Sua obra mais conhecida é o drama “Romeu e Julieta”, mas as peças mais conceituadas são: “Hamlet”, “Macbeth” e “Rei Lear”. Shakespeare também escreveu comédias como “A Megera Domada” e “O Mercador de Veneza”.

**Dante Alighieri** - um dos mais importantes escritores humanistas do renascimento literário. Considerado o maior de língua italiana e um dos mais importantes escritores da literatura universal. Sua obra-prima é o poema intitulado “A Divina Comédia”. Além de escritor e poeta, foi político tendo importante atuação na vida pública, fazendo parte do Conselho do Estado e sendo Embaixador da República. Mais tarde obteve o título de “prior”, na época o maior da política.

**Miguel de Cervantes** - dramaturgo, poeta e autor, tem como sua principal obra, o romance “Dom Quixote de La Mancha”. O livro foi considerado o primeiro *best-seller* da história e a primeira novela moderna. É a segunda publicação mais traduzida no mundo, perdendo apenas para a Bíblia. Cervantes é tido como precursor do realismo espanhol e mudou os rumos da literatura daquele país.

# SÉCULO XIX: O NASCIMENTO DOS “ISMOS”

## 7

### **Conhecimentos**

Conhecer as vanguardas europeias seus personagens, suas principais características e objetivos, além de suas contribuições para a produção artística brasileira.

### **Habilidades**

Identificar as principais características das vanguardas europeias, seus personagens e objetivos.

### **Atitudes**

Reconhecer as contribuições das vanguardas europeias para a produção artística brasileira.

## **Expressionismo; Cubismo; Futurismo; Dadaísmo; Surrealismo.**

A arte moderna surgiu no final do século XIX para o início do século XX, como fruto de uma época de revolução: a igreja perdeu sua autonomia, as monarquias enfraqueciam e o ritmo rápido e vertiginoso do progresso científico contribuíam para romper antigos padrões. Com o advento da tecnologia, as consequências da Revolução Industrial, a Primeira Guerra Mundial e atmosfera política que resultou destes grandes acontecimentos, surgiu um sentimento nacionalista, um progresso espantoso das grandes potências mundiais, e uma disputa pelo poder. Várias correntes ideológicas foram criadas, como o nazismo, o fascismo e o comunismo, e também com a mesma terminação “ismo” surgiram os movimentos artísticos que chamamos de vanguardas. Todos pautavam-se no mesmo objetivo, que era o questionamento, a quebra dos padrões, o protesto contra a arte conservadora, a criação de novos padrões estéticos, que fossem mais coerentes com a realidade histórica e social do século que surgia.

O mundo artístico, portanto, fervilhava de tendências, cada qual reagindo uma à outra. Os artistas modernos estavam imersos, constantemente, na busca por novas formas de expressão e, para isto, utilizam recursos como cores vivas, figuras deformadas, cubos e cenas sem lógica.

A produção artística do século XX não apenas estabeleceu que qualquer temática era digna de ser trabalhada, mas também libertou a forma das regras mais tradicionais da obrigação de representar com exatidão os objetos e as paisagens. Os artistas de cunho modernista desafiavam violentamente as convenções, seguindo o conselho de Gauguin, para “quebrar todas as janelas velhas, ainda que cortemos os dedos nos vidros”.

Nesse contexto, a preocupação dos artistas era com a liberdade radical de expressão, elegendo a imaginação, as preocupações e as experiências individuais como único caminho para a arte. Afastando-se, assim, de qualquer pretensão de retratar a natureza, seguindo na direção da pura abstração, em que dominam a forma, as linhas e as cores.

Na primeira metade do século XX, predominou a Escola de Paris. Não importava se os artistas de determinada tendência vivessem ou não na capital francesa: a maioria dos movimentos surgia na França. Até a Segunda Guerra Mundial, a “cidade da luz” brilhou com toda a complexidade da arte moderna (com o fovismo, o cubismo e o surrealismo). Nos anos 1950, a *New York School of Abstract Expressionism* superou a Escola de Paris, e, logo,

pela primeira vez na história a vanguarda se mudava para os Estados Unidos.

### **Modernismo brasileiro**

As manifestações artísticas que corriam na Europa influenciaram a arte em todo o mundo, no Brasil não poderia ser diferente, uma vez que este era o exato momento da história em que as vanguardas estavam crescendo em nosso país, e que a maioria dos artistas locais se espelhavam nelas, fosse para imitar-lhes ou, simplesmente, para combater-lhes.

As vanguardas europeias passaram pela literatura brasileira deixando sua contribuição, especialmente ao somarem com a Semana de Arte Moderna e o movimento modernista brasileiro, pois juntos vieram romper com a antiga estética que até então reinava em nosso país.

Dessa forma, o marco oficial do movimento modernista no Brasil foi a realização da Semana de Arte Moderna de 1922, onde diversos artistas plásticos e escritores apresentaram ao público uma nova forma de expressão. Este evento teve o Teatro Municipal de São Paulo como palco de suas ações. Não foi fácil para estes artistas serem aceitos pela crítica que já estava acostumada com padrões estéticos bem definidos, mas, aos poucos, suas exposições foram aumentando e o público passou a aceitar e a se interessar pelas obras modernistas.

Dentre os movimentos vanguardistas que mais influenciaram a produção artística no Brasil, destacamos os seguintes: Cubismo, Dadaísmo, Expressionismo, Surrealismo e Futurismo.

Vejamos um pouco de cada um deles:

**Cubismo:** movimento artístico originário da França, considerado um divisor de águas na história da arte ocidental. Tem como algumas de suas características a recusa da ideia de arte como imitação da natureza, afastando noções como perspectiva e modelagem, assim como qualquer tipo de efeito ilusório. “Não se imita aquilo que se quer criar”, diz Georges Braque, outro expoente do movimento.

A estética plástica trazida nas composições de Braque leva o crítico Louis Vauxcelles a escrever, no jornal *Gil Blas*, em 1908, em realidade construída por meio de “cubos”, o que batiza a nova corrente. Cubos, volumes e planos geométricos entrecortados reconstroem formas que se apresentam, simultaneamente, em vários ângulos na tela. O espaço do quadro, plano sobre o qual a realidade é recriada, rejeita distinções entre forma e fundo ou qualquer noção de profundidade. Nele, corpos, paisagens e, principalmente, objetos como garrafas, instrumentos musicais e frutas têm sua estrutura cuidadosamente investigada.

A ruptura empreendida pelo cubismo encontra suas fontes iniciais na obra de Paul

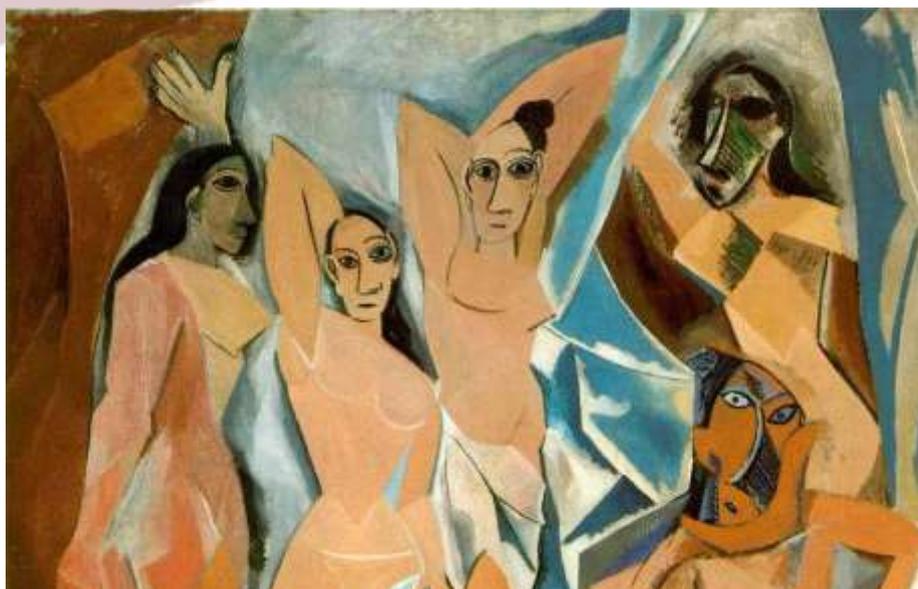
Cézanne, concentrando-se em sua maneira de construção de espaços por meio de volumes e da decomposição de planos, além de ter referência na arte africana através de máscaras, fotografias e objetos.

O cubismo se divide em duas grandes fases. Até 1912, no chamado cubismo analítico, observa-se uma preocupação predominante com as pesquisas estruturais, por meio da decomposição dos objetos e do estilhaçamento dos planos, e forte tendência ao monocromatismo. Entre 1912 e 1913, as cores se acentuam e a ênfase dos experimentos é colocada sobre a recomposição dos objetos. No momento do cubismo sintético, elementos heterogêneos - recortes de jornais, pedaços madeira, cartas de baralho, caracteres tipográficos, entre outros - são agregados à superfície das telas, dando origem às famosas colagens, amplamente utilizadas a partir de então. O nome do espanhol Juan Gris liga-se a essa última fase e o uso do papel-colado torna-se parte fundamental de seu método. Outros pintores como Fernand Léger, Robert Delaunay, Sonia Delaunay-Terk, Albert Gleizes, Jean Metzinger, Roger de la Fresnaye se associam ao movimento.

No Brasil, influências do cubismo podem ser observadas em parte dos artistas reunidos no modernismo de 1922, em alguns trabalhos de Vicente do Rego Monteiro, Antonio Gomide e sobretudo na obra de Tarsila do Amaral.

### **Saiba mais: Pablo Picasso**

É impossível falar da arte do século XX sem mencionar o nome de Picasso, um dos maiores expoentes da Arte Moderna e um dos principais representantes do movimento cubista. Destacou-se em diversas áreas: pintura, escultura, artes gráficas e cerâmica. Suas obras podem ser divididas em várias fases, de acordo com a valorização de certas cores. A fase Azul (1901-1904) foi o período onde predominou os tons de azul. Nela, o artista dá uma atenção toda especial aos elementos marginalizados pela sociedade. Na Fase Rosa (1905-1907), predomina as cores rosa e vermelho, e suas obras ganham uma conotação lírica. Recebe influência do artista Cézanne e desenvolve o estilo artístico conhecido como cubismo. O marco inicial deste período é a obra *Les Femmes d'Alger (O Jovem Orelan)* (1907), cuja característica principal é a decomposição da realidade humana.



A obra *Les Femmes d'Alger* começa a elaborar a estética cubista que, como vimos anteriormente, se fundamenta na destruição de harmonia clássica das figuras e na decomposição da realidade.

**Dadaísmo:** surgiu em 1916 em plena Primeira Guerra Mundial. Ao contrário de outras correntes artísticas, o dadaísmo apresenta-se como um movimento de crítica cultural mais ampla, que interpela não somente as artes, mas modelos culturais passados e presentes. Trata-se, portanto, de um movimento radical de contestação de valores que faz uso de diversos canais de expressão: revista, manifesto, exposição e outros. As manifestações dos grupos dada são intencionalmente desordenadas e pautadas pelo desejo do choque e do escândalo, procedimentos típicos das vanguardas de modo geral.

O termo *dada*, encontrado por acaso numa consulta a um dicionário francês, significa “cavalo de brinquedo”, não guardando relação direta e nem necessária, com bandeiras ou programas, daí o seu valor: sinaliza uma escolha aleatória (princípio central da criação para os dadaístas), contrariando qualquer sentido de eleição racional. “O termo *nada* significa”, afirma o poeta romeno e um de seus primeiros idealizadores, Tristan Tzara.



Alguns dos principais ready-made de Marcel Duchamp. O artista passou a incorporar material de uso comum nas suas esculturas. Em vez de trabalhá-los artisticamente, ele simplesmente os considerava prontos e os exibia como obras de arte.

Se o dadaísmo não professa um estilo específico nem defende novos modelos, aliás coloca-se expressamente contra projetos predefinidos e recusa todas as experiências formais anteriores, é possível localizar formas exemplares da expressão dada. Nas artes visuais, os ready-made de Duchamp constituem manifestação cabal de um espírito que caracteriza o dadaísmo. Ao transformar qualquer objeto escolhido ao acaso em obra de arte, Duchamp realiza uma crítica radical ao sistema da arte. Assim, objetos utilitários sem nenhum valor estético em si são retirados de seu contexto original e elevados à condição de obra de arte ao ganhar uma assinatura e um espaço de exposição, museu ou galeria. Por exemplo, a roda de bicicleta que encaixada num banco vira Roda de Bicicleta, 1913, ou um mictório, que invertido se apresenta como Fonte, 1917, ou ainda os bigodes colocados sobre a Mona Lisa, 1503/1506 de Leonardo da Vinci, que fazem dela um ready-made retificado, o L.H.O.O.Q., 1919. Os princípios de subversão mobilizados pelos ready-made podem ser também observados nas máquinas antifuncionais de Picabia e nas imagens fotográficas de Man Ray.

**Expressionismo:** O termo tem sentido histórico preciso ao designar uma tendência da arte europeia moderna, enraizada em solo alemão, entre 1905 e 1914. Para os artistas expressionistas, a arte liga-se à ação, muitas vezes violenta, por meio da qual a imagem é criada, com o auxílio de cores fortes, rejeitando a verossimilhança, e de formas distorcidas. A afirmação do expressionismo se dá com o grupo *Die Brücke*, “A Ponte”, criado em 1905 em Dresden.

Formado por artistas como Ernst Ludwig Kirchner (1880-1938), Karl Schmidt-Rottluff (1884-1976), Erich Heckel (1883-1970), Emil Nolde (1867-1956), Ernst Barlach (1870-1938), entre outros, o grupo define objetivos e procedimentos que ficam, daí por diante, associados ao movimento alemão: o caráter de crítica social da arte; as figuras deformadas, cores contrastantes e pinceladas vigorosas que rejeitam todo tipo de comedimento; a retomada das artes gráficas, sobretudo da xilogravura; o interesse pela arte primitiva. Essa poética encontra sua tradução em motivos retirados do cotidiano, nos quais se observam o acento dramático e algumas obsessões temáticas, como, por exemplo, o sexo e a morte.

A arte expressionista encontra suas fontes no romantismo alemão, em sua problemática do isolamento do homem frente à natureza, assim como na defesa de uma poética sensível à expressão do irracional, dos impulsos e paixões individuais.

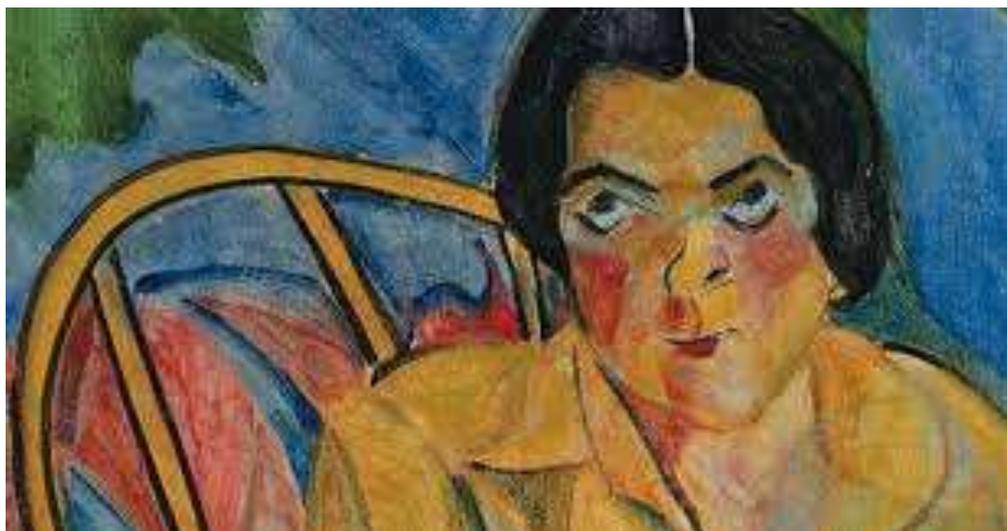
O expressionismo conhece desdobramentos em outros grupos na Alemanha, como o *Der Blaue Reiter*, “O Cavaleiro Azul”, de Franz Marc (1880-1916) e Wassily Kandinsky (1866-1944), criado em 1911, e considerado um dos pontos altos do movimento. Após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a voga expressionista reverbera na produção dos artistas reunidos em torno da nova objetividade, como é o caso de Otto Dix (1891-1969) e George Grosz (1893-1959). Perseguido pelos nazistas em 1933 como “arte degenerada”, o expressionismo é retomado após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), num contexto de crítica ao fascismo e de tematização dos horrores da guerra, cujo exemplo maior é *Guernica*, de Pablo Picasso (1881-1973).



Esta obra representa o bombardeio da cidade de Guernica durante a Guerra Civil, em abril de 1937. De enormes dimensões, 3,50 m X 7,80 m, ela está pintada em branco e negro e uma grande variedade de tons cinzas.

No Brasil, a produção dos anos 1915 e 1916 de Anita Malfatti (1889-1964), em

trabalhos como “O Japonês”, “A Estudante Russa” e “A Boba”, são reveladores de seu aprendizado expressionista. Ainda no contexto modernista, é possível lembrar a forte dicção expressionista de parte da obra Lasar Segall (1891-1957) e o expressionismo *sui generis* de Oswaldo Goeldi (1895-1961). Mais para frente, com as obras de Flávio de Carvalho (1899-1973), e com as pinturas de Iberê Camargo (1914-1994), percebem-se as possibilidades abertas pela sintaxe expressionista do país.



A Boba é um dos pontos mais altos da pintura de Anita. É fruto de uma fase em que a sua pintura expressionista absorve elementos cubo-futuristas. A tela é construída com a cor, numa orquestração de laranjas, amarelos, azuis e verdes, realçando as zonas cromáticas delineadas pelas linhas negras, na maioria diagonais - ordenação cubista

**Surrealismo:** idealizado por André Breton com base na ideia de “estado de fantasia supernaturalista” de Guillaume Apollinaire, o termo traz um sentido de afastamento da realidade comum que o movimento surrealista celebra desde o primeiro manifesto, de 1924.

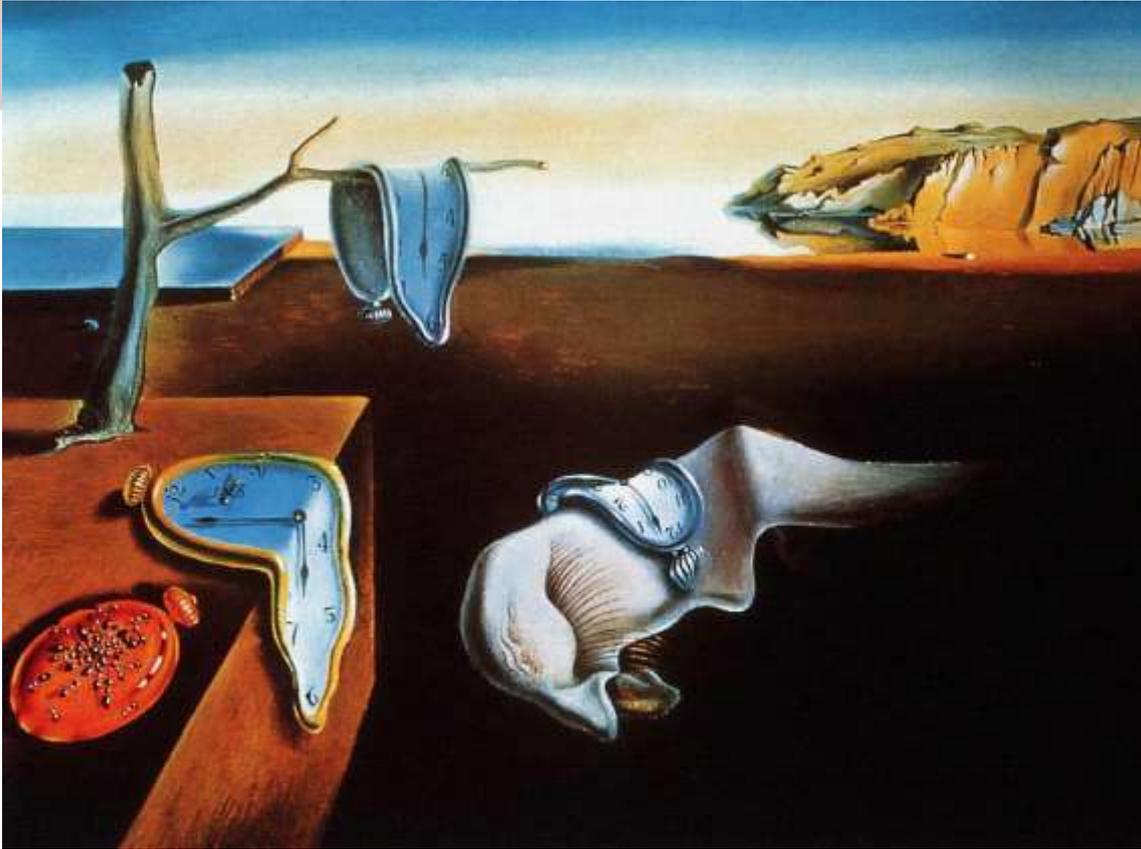
Nos termos de Breton, autor do manifesto, trata-se, pois, de “resolver a contradição até agora vigente entre sonho e realidade pela criação de uma realidade absoluta, uma supra-realidade”. A importância do mundo onírico, do irracional e do inconsciente, anunciada no texto, se relaciona diretamente ao uso livre que os artistas fazem da obra de Sigmund Freud e da psicanálise, permitindo-lhes explorar nas artes o imaginário e os impulsos ocultos da mente.

A crítica à racionalidade burguesa em favor do maravilhoso, do fantástico e dos sonhos reúne artistas de natureza muito variadas. Na literatura, além do próprio Breton, encontramos: Louis Aragon, Philippe Soupault, Georges Bataille, Michel Leiris, Max Jacob, entre outros. Nas artes plásticas, René Magritte, André Masson, Joán Miró, Max Ernst, Salvador Dalí, e outros. Na fotografia, Man Ray, Dora Maar, Brasaï. No cinema, Luis Buñuel.

Observa-se nesta corrente a presença de alguns temas e imagens, obsessivamente, recorrentes pelos artistas, com soluções distintas, a exemplo do sexo e do erotismo; do corpo, suas mutilações e metamorfoses; do manequim e da boneca; da violência, da dor e da loucura; das civilizações primitivas; e do mundo da máquina. Esse amplo repertório encontra-se traduzido nas obras por procedimentos e métodos pensados como capazes de driblar os controles conscientes do artista, portanto, responsáveis pela liberação de imagens e impulsos primitivos.

A escrita e a pintura automáticas, fartamente utilizadas, são formas de transcrição imediata do inconsciente, pela expressão do “funcionamento real do pensamento” - como, os desenhos produzidos coletivamente entre 1926 e 1927 por Man Ray, Yves Tanguy, Miró e Max Morise, com o título “O Cadáver Requentado”. A *frottage*, fricção, desenvolvida por Ernst faz parte das técnicas automáticas de produção. Trata-se de esfregar lápis ou crayon sobre uma superfície áspera ou texturizada para provocar imagens, resultados aleatórios do processo, como a série de desenhos História Natural, realizada entre 1924 e 1927.

As colagens e assemblages constituem mais uma expressão característica da lógica de produção surrealista, ancorada na ideia de acaso e de escolha aleatória, aliás um dos princípios centrais de criação para os dadaístas. A célebre frase de Lautréamont é tomada como inspiração forte: “belo como o encontro casual entre uma máquina de costura e um guarda-chuva numa mesa de dissecação”. A sugestão do escritor se faz notar na justaposição de objetos desconexos e nas associações à primeira vista impossíveis, que particularizam as colagens e objetos surrealistas.



A Persistência da Memória, de Salvador Dalí, é uma tela complexa e cheia de interpretações. Devido à dimensão diminuta, os símbolos intrigantes de sua pintura ganham ainda mais intensidade.

Salvador Dalí, grande representante do movimento, radicaliza o conceito de libertação dos instintos e impulsos contra qualquer controle racional pela defesa do método da “paranóia crítica”. Ou seja, forma de tornar o delírio um mecanismo produtivo, criador. A crítica cultural empreendida pelos surrealistas, baseada nas articulações arte/inconsciente e arte/política, deixa entrever sua ambição revolucionária e subversiva, amparada na psicanálise - contra a repressão dos instintos - e na noção de revolução oriunda do marxismo (contra a dominação burguesa). As relações controversas do grupo com a política aparecem na adesão de alguns ao trotskismo (Breton) e nas posições reacionárias de outros, como Dalí.

No Brasil especificamente o surrealismo reverbera em obras variadas como as de Ismael Nery e Cicero Dias, assim como nas fotomontagens de Jorge de Lima. Nos dias atuais artistas continuam a tirar proveito das lições surrealistas.

**Futurismo:** Surgiu através do Manifesto Futurista, criado pelo italiano Tommaso Marinetti em 1909. Suas proposições eram negar o passado, o academicismo e trazer o interesse ideológico, a pesquisa, a experimentação, a técnica e a tecnologia para a arte. Marinetti pregava o desapego ao tradicionalismo, especialmente quanto à sintaxe da língua.

No Manifesto Futurista, Marinetti (1876 - 1944), realiza a seguinte declaração: “[...] queremos libertar esse país (a Itália) de sua fétida gangrena de professores, arqueólogos, cicerones e antiquários”. Ao falar da nação italiana para o mundo, o futurismo coloca-se contra o passado burguês e o tradicionalismo cultural.

O grupo promove uma exaltação da máquina e da “beleza da velocidade”, associada ao elogio da técnica e da ciência, torna-se emblemática da nova atitude estética e política. O futurismo se expande com a adesão de um grupo de artistas reunidos em torno do Manifesto dos Pintores Futuristas e do Manifesto Técnico dos Pintores Futuristas (1910). A partir de então, se projeta como uma manifestação artística mais ampla, que defende a experimentação técnica e estilística nas artes em geral, sem deixar de lado a intervenção e o debate político-ideológico. Umberto Boccioni (1882 - 1916), Carlo Carrà (1881 - 1966), Luigi Russolo (1885 - 1947), Giacomo Balla (1871 - 1958) e Gino Severini (1883 - 1966) estão entre os principais nomes do primeiro futurismo, que conhece um refluxo em 1916, com a morte de Boccioni e com a crise social e política instaurada pela Primeira Guerra Mundial (1914 - 1918). Um segundo futurismo tem lugar, sem a unidade criadora e a força do momento originário, apresentando Fortunato Depero (1892 - 1960) como protagonista.

O movimento futurista serve de inspiração a obras e artistas de diferentes nacionalidades. Na Rússia, trabalhos de Mikhail Larionov (1881 - 1964), Natalia Gontcharova (1881 - 1962) e de Kasimir Malevich (1878 - 1935) podem ser vistos com base em leituras do futurismo. As manifestações do grupo dada, intencionalmente desordenadas e pautadas pelo desejo de choque e de escândalo, permitem entrever a retomada do futurismo. Algumas pinturas de Marcel Duchamp (1887 - 1968) e Robert Delaunay (1885 - 1941) em solo francês sugerem, cada qual a seu modo, inspirações futuristas.

Os modernistas brasileiros reunidos na Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo, recebem imediatamente a alcunha de “futuristas” (configuram o chamado futurismo paulista), em virtude das propostas estéticas renovadoras e das intervenções estéticas de vanguarda. A consideração cuidadosa das obras de modernismo, entretanto, permite aferir a distância entre a vanguarda modernista brasileira e a italiana.

### **Leia trecho do Manifesto Futurista escrito por Filippo Tommaso Marinetti:**

“1. Nós pretendemos cantar o amor ao perigo, o hábito da energia e a intrepidez. 2. Coragem, audácia, e revolta serão elementos essenciais da nossa poesia. 3. Desde então a literatura exaltou uma imobilidade pesadosa, êxtase e sono. Nós pretendemos exaltar a ação agressiva, uma insônia febril, o progresso do corredor, o salto mortal, o soco e a bofetada

[...] É da Itália que lançamos ao mundo este manifesto de violência arrebatadora e incendiária com o qual fundamos o nosso Futurismo, porque queremos libertar este país de sua fétida gangrena de professores, arqueólogos, cicerones e antiquários. Há muito tempo a Itália vem sendo um mercado de belchiores. Queremos libertá-la dos incontáveis museus que a cobrem de cemitérios inumeráveis [...] Quereis, pois, desperdiçar todas as vossas melhores forças nessa eterna e inútil admiração do passado, da qual saem fatalmente exaustos, diminuídos e espezinhados? Em verdade eu vos digo que a frequência quotidiana dos museus, das bibliotecas e das academias (cemitérios de esforços vãos, calvários de sonhos crucificados, registros de lances truncados! ...) é, para os artistas, tão ruínosa quanto a tutela prolongada dos pais para certos jovens embriagados por seu os prisioneiros, vá lá: o admirável passado é talvez um bálsamo para tantos os seus males, já que para eles o futuro está barrado..., Mas nós não queremos saber dele, do passado, nós, jovens e fortes futuristas! Bem-vindos, pois, os alegres incendiários com seus dedos carbonizados! [...] nossos sucessores virão de longe contra nós, de toda parte, dançando à cadência alada dos seus primeiros cantos, estendendo os dedos aduncos de predadores e farejando caninamente, às portas das academias, o bom cheiro das nossas mentes em putrefação, já prometidas às catacumbas das bibliotecas. Mas nós não estaremos lá... por fim eles nos encontrarão – uma noite de inverno – em campo aberto, sob um triste galopão tamborilado por monótona chuva, e nos verão agachados junto aos nossos aeroplanos trepidantes, aquecendo as mãos ao fogo mesquinho proporcionado pelos nossos livros de hoje flamejando sob o voo das nossas imagens [...] Cabeça erguida!... Eretos sobre o pináculo do mundo, mais uma vez lançamos o nosso desafio às estrelas”.

### **Saiba mais: Semana de Arte Moderna de 1922**

A Semana de Arte Moderna tinha como objetivo mostrar as novas tendências artísticas que já vigoravam na Europa. Esta forma de expressão não foi compreendida pela elite paulista, que era influenciada pelas formas estéticas europeias mais conservadoras. O idealizador deste evento artístico e cultural foi o pintor Di Cavalcanti.

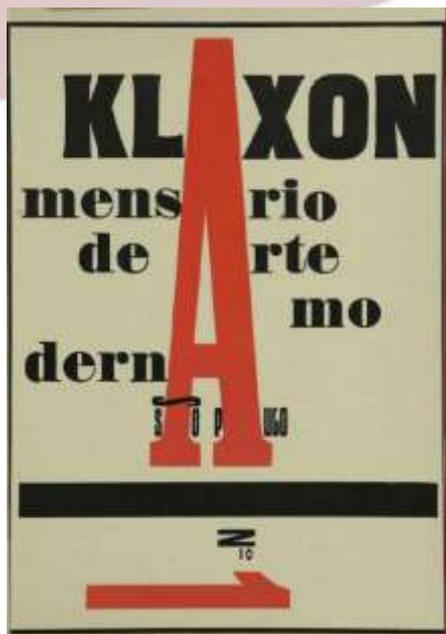


Obra “Mulheres protestando” de Di Cavalcanti. Suas inspirações de pintura eram bem voltadas para o tropical e sensual, onde seus temas prediletos foram populares do país como favelas, soldados, operários, marinheiros, mulheres negras e festas

Em um período repleto de movimentações, os intelectuais brasileiros se viram em um momento em que precisavam abandonar os valores estéticos antigos, para dar lugar a um novo estilo completamente contrário, e do qual, não se sabia ao certo o rumo a ser seguido.

A Semana representou uma grande explosão de ideias inovadoras que aboliavam por completo a perfeição estética tão apreciada no século XIX. Os artistas brasileiros buscavam uma identidade própria e a liberdade de expressão. Tanto é que com este propósito, experimentavam diferentes caminhos sem definir nenhum padrão. Isto culminou com a incompreensão e com a completa insatisfação de todos que foram assistir ao evento. Logo na abertura, Manuel Bandeira, ao recitar seu poema Os sapos, foi desaprovado pela plateia através de muitas vaias.

Embora tenha sido alvo de muitas críticas, a Semana de Arte Moderna só foi adquirir sua real importância ao inserir suas ideias ao longo do tempo. O movimento continuou a expandir-se por divulgações através da Revista Antropofágica e da Revista Klaxon, e também pelos seguintes movimentos: Movimento Pau-Brasil, Grupo da Anta, Verde-Amarelismo e pelo Movimento Antropofágico.



A Revista Klaxon foi um dos instrumentos utilizado pelos modernistas brasileiros para propagar suas ideias.

A Semana de Arte Moderna é tida como um divisor de águas na história da cultura brasileira. Os estudiosos tendem a considerar o período de 1922 a 1930, como a fase em que se evidencia um compromisso primeiro dos artistas com a renovação estética, beneficiada pelo contato estreito com as vanguardas europeias. Tal esforço de redefinição da linguagem artística se articula a um forte interesse pelas questões nacionais, que ganham acento destacado a partir da década de 1930, quando os ideais de 1922 se difundem e se normalizam.

É preciso dizer que ainda que o modernismo no Brasil deva ser pensado a partir de suas expressões múltiplas, a Semana é um fenômeno eminentemente urbano e paulista, conectado ao crescimento de São Paulo na década de 1920, à industrialização, à migração maciça de estrangeiros e à urbanização.

As artes plásticas estão na base deste movimento. Acreditam-se que o impulso teria vindo da pintura, mais, especificamente, da atuação de Di Cavalcanti à frente da organização do evento, das esculturas de Brecheret e, sobretudo, da exposição de Anita Malfatti, em 1917 (alvo de uma severa crítica feita pelo escritor Monteiro Lobato).

Outro destaque veio da obra da pintora Tarsila do Amaral. Associando a experiência francesa e o aprendizado com André Lhote, Albert Gleizes e Fernand Léger - aos temas nacionais, a artista desenvolveu uma obra emblemática das preocupações do grupo modernista. Da pintura francesa, especialmente das “paisagens animadas” de Léger, Tarsila retira a imagem da máquina como ícone da sociedade industrial e moderna. As engrenagens

produzem efeito estético preciso, fornecendo uma linguagem aos trabalhos: seus contornos, cores e planos modulados introduzem movimento às suas telas, como em “A Gare”, de 1925. A essa primeira fase chamada de “pau-brasil”, caracterizada pelas paisagens nativas e figurações líricas, segue-se um curto período antropofágico, (1927-1929), que eclode com “Abaporu”, de 1928. A redução de cores e de elementos, as imagens oníricas e a atmosfera surrealista marcam os traços essenciais desse momento na produção de Amaral.



Abaporu é uma das obras mais famosas da pintora Tarsila do Amaral.

Candido Portinari, também, pode ser tomado como expressão típica do modernismo de 1930. Sua produção poética é variada, mostrando temas que versam desde suas lembranças de Brodósqui, jogos infantis e cenas de circo. Além disso, suas figuras são diminutas, sem rostos, contrastando com a imensidão da paisagem, na qual predominam os tons de marrom, como na tela “Futebol” (1935). Portinari revela forte preocupação social, procurando captar tipos populares e enfatizar o papel dos trabalhadores.



Entre 1953 e 1956, realiza os murais Guerra e Paz (1953-1956) para a sede da ONU, em Nova York, obras de grandes dimensões, em que trabalha com uma sobreposição de planos.

Por fim, não menos importante, ressaltamos a importância da obra do lituano Lasar Segall para o modernismo no Brasil. Formado no meio expressionista alemão, o artista se aproxima dos modernistas em 1923, quando se instala no país. Parte de sua obra, ampla e diversificada, registra a paisagem e as figuras locais em sintonia com as preocupações modernistas.



A série Emigrantes (1927/1928) possui uma atmosfera mais amena, surgem espaços abertos com a representação do céu e do mar.

Ao longo da carreira, dedica-se a várias técnicas de gravura. Em seus primeiros trabalhos, explora o uso das sombras, acentuando o claro-escuro. Em 1918, o artista produz cinco litografias inspiradas no conto *Die Sanfte* (Uma Doce Criatura), de Dostoiévski. Elas representam ponto alto em sua produção, pela extrema concentração e simplificação das figuras, concebidas em formas geométricas, pelo traço econômico e pelo jogo que o artista

estabelece entre formas e vazios.

O humanismo, revelado pela preocupação com a violência, a miséria e as injustiças sociais, e certo caráter lírico estão presentes em toda a sua carreira. Segall aborda temas universais, expressando-os com emoção, por meio da cor em sua pintura ou pelo jogo entre linha e vazio em suas produções gráficas.

**Leia mais: Paranóia ou Mistificação, crítica de Monteiro Lobato sobre os trabalhos de Anita Malfatti.**

Há duas espécies de artistas. Uma composta dos que veem normalmente as coisas e em consequência disso fazem arte pura, guardados os eternos ritmos da vida, e adotados para a concretização das emoções estéticas, os processos clássicos dos grandes mestres.

Quem trilha por esta senda, se tem gênio, é Praxiteles na Grecia, é Rafael na Itália, é Rembrandt na Holanda, é Rubens na Flandres, é Reynolds na Inglaterra, é Lenbach na Alemanha, é Zorn na Suécia, é Rodin na França, é Zuloaga na Espanha. Se tem apenas talento vai engrossar a plêiade de satélites que gravitam em torno desses sóis imorredouros.

A outra espécie é formada dos que veem anormalmente a natureza, e interpretam à luz das teorias efêmeras, sob a sugestão estrábica de escolas rebeldes, surgidas cá e lá como furúnculos da cultura excessiva. São produtos do cansaço e do sadismo de todos os períodos de decadência; são frutos de fim de estação, bichados ao nascedouro. Estrelas cadentes, brilham um instante, as mais das vezes com a luz do escândalo, e somem-se logo nas trevas do esquecimento.

Embora eles se deem como novos, precursores duma arte a vir, nada é mais velho do que a arte anormal ou teratológica: nasceu com a paranoia e com a mistificação.

De há muito já que a estudam os psiquiatras em seus tratados, documentando-se nos inúmeros desenhos que ornaram as paredes internas dos manicômios. A única diferença reside em que nos manicômios essa arte é sincera, produto lógico de cérebros transtornados pelas mais estranhas psicoses; e fora deles, nas exposições públicas, zabumbadas pela imprensa e absorvidas por americanos malucos, não há sinceridade nenhuma, nem nenhuma lógica, sendo tudo mistificação pura.

Todas as artes são regidas por princípios imutáveis, leis fundamentais que não dependem do tempo, nem da latitude.

As medidas de proporção e equilíbrio, na forma ou na cor, decorrem do que chamamos sentir. Quando as sensações do mundo externo transformam-se em impressões

cerebrais, nós “sentimos”; para que sintamos de maneira diversa, cúbica ou futurista, é forçoso ou que a harmonia do universo sofra completa alteração, ou que o nosso cérebro esteja em “pane” por virtude de alguma grave lesão.

Enquanto a percepção sensorial se fizer normalmente no homem, através da porta comum dos cinco sentidos, um artista diante de um gato não poderá “sentir” senão um gato, e é falsa a “interpretação” que do bichano fizer um totó, um escaravelho ou um amontoado de cubos transparentes.

Estas considerações são provocadas pela exposição da sra. Malfatti onde se notam acentuadíssimas tendências para uma atitude estética forçada no sentido das extravagâncias de Picasso e companhia.

Essa artista possui um talento vigoroso, fora do comum. Poucas vezes, através de uma obra torcida para má direção, se notam tantas e tão preciosas qualidades latentes. Percebe-se de qualquer daqueles quadrinhos como a sua autora é independente, como é original, como é inventiva, em que alto grau possui um sem número de qualidades inatas e adquiridas das mais fecundas para construir uma sólida individualidade artística.

Entretanto, seduzida pelas teorias do que ela chama arte moderna, penetrou nos domínios dum impressionismo discutibilíssimo, e põe todo o seu talento a serviço duma nova espécie de caricatura.

Sejamos sinceros: futurismo, cubismo, impressionismo e “tutti quanti” não passam de outros ramos da arte caricatural. É a extensão da caricatura a regiões onde não havia até agora penetrado. Caricatura da cor, caricatura da forma – caricatura que não visa, como a primitiva, ressaltar uma ideia cômica, mas sim desnortear, aparvalhar o espectador.

A fisionomia de quem sai de uma dessas exposições é das mais sugestivas.

Nenhuma impressão de prazer, ou de beleza denunciam as caras; em todas, porém, se lê o desapontamento de quem está incerto, duvidoso de si próprio e dos outros, incapaz de raciocinar, e muito desconfiado de que o mistificaram habilmente.

Outros, certos críticos sobretudo, aproveitam a vasa para épater les bourgeois. Teorizam aquilo com grande dispêndio de palavrorio técnico, descobrem nas telas intenções e subintenções inacessíveis ao vulgo, justificam-nas com a independência de interpretação do artista e concluem que o público é uma cavalgadura e eles, os entendidos, um pugilo genial de iniciados da Estética Oculta.

No fundo, riem-se uns dos outros – o artista do crítico, o crítico do pintor e o público de ambos.

“Arte moderna”, eis o escudo, a suprema justificação.

Na poesia também surgem, às vezes, furúnculos dessa ordem, provenientes da cegueira nata de certos poetas elegantes, apesar de gordos, e a justificativa é sempre a mesma: arte moderna.

Como se não fossem moderníssimos esse Rodin que acaba de falecer, deixando após si uma esteira luminosa de mármore divinos; esse André Zorn, maravilhoso “virtuoso” do desenho e da pintura, esse Brangwyn, gênio rembrandtesco da babilônia industrial que é Londres, esse Paul Chabas, mimoso poeta das manhãs, das águas mansas e dos corpos femininos em botão.

Como se não fosse moderna, moderníssima, toda a legião atual de incomparáveis artistas do pincel, da pena, da água-forte, da “dry-point” que fazem da nossa época uma das mais fecundas em obras primas de quantas deixaram marcos de luz na história da humanidade.

Na exposição Malfatti figura, ainda, como justificativa da sua escola, o trabalho de um “mestre” americano, o cubista Bolynton. É um carvão representando (sabe-se disso porque uma nota explicativa o diz) uma figura em movimento. Está ali entre os trabalhos da sra. Malfatti em atitude de quem diz: eu sou o ideal, sou a obra prima, julgue o público do resto tomando-me a mim como ponto de referência.

Tenhamos a coragem de não ser pedantes; aqueles gatafunhos não são uma figura em movimento; foram, isto sim, um pedaço de carvão em movimento. O sr. Bolynton tomou-o entre os dedos das mãos, ou dos pés, fechou os olhos, e fê-lo passear pela tela às tontas, da direita para a esquerda, de alto a baixo. E se não fez assim, se perdeu uma hora da sua vida puxando riscos de um lado para outro, revelou-se tolo e perdeu o tempo, visto como o resultado seria absolutamente o mesmo.

Já em Paris se fez uma curiosa experiência: ataram uma brocha na cauda de um burro e puseram-no de traseiro voltado para uma tela. Com os movimentos da cauda do animal a brocha ia borrando a tela.

A coisa fantasmagórica resultante foi exposta como um supremo arrojo da escola cubista, e proclamada pelos mistificadores como verdadeira obra prima que só um ou outro raríssimo espírito de eleição poderia compreender.

Resultado: o público afluíu, embasbacou, os iniciados rejubilaram e já havia pretendentes à tela quando o truque foi desmascarado.

A pintura da sra. Malfatti não é cubista, de modo que estas palavras não se lhe endereçam em linha reta; mas como agregou à sua exposição uma cubice, leva-nos a crer que tende para ela como para um ideal supremo.

Que nos perdoe a talentosa artista, mas deixamos cá um dilema: ou é um gênio o sr. Bolynson e ficam riscados desta classificação, como insignes cavalgadas, a corte inteira dos mestres imortais, de Leonardo a Stevens, de Velazquez a Sorolla, de Rembrandt a Whistler, ou... vice versa. Porque é de todo impossível dar o nome de obra de arte a duas coisas diametralmente opostas como, por exemplo, a Manhã de Setembro de Chabas, e o carvão cubista do sr. Bolynson.

Não fosse a profunda simpatia que nos inspira o formoso talento da sra. Malfatti, e não viríamos aqui com esta série de considerações desagradáveis.

Há de ter essa artista ouvido numerosos elogios à sua nova atitude estética.

Há de irritar-lhe os ouvidos, como descortês impertinência, esta voz sincera que vem quebrar a harmonia de um coro de lisonjas.

Entretanto, se refletir um bocado, verá que a lisonja mata e a sinceridade salva. O verdadeiro amigo de um artista não é aquele que o entontece de louvores, e sim, o que lhe dá uma opinião sincera, embora dura, e lhe traduz chãmente, sem reservas, o que todos pensam dele por detrás.

Os homens têm o vezo de não tomar a sério as mulheres. Essa é a razão de lhes darem sempre amabilidades sempre quando elas pedem opinião.

Tal cavalheirismo é falso, e sobre falso, nocivo. Quantos talentos de primeira água se não transviaram arrastados por maus caminhos, pelo elogio incondicional e mentiroso? Se víssemos na sra. Malfatti apenas uma “moça prendada que pinta”, como há centenas por aí, sem denunciar centelha de talento, calar-nos-íamos, ou talvez lhe déssemos meia-dúzia desses adjetivos “bombons”, que a crítica açucarada tem sempre à mão em se tratando de moças. Julgamo-la, porém, merecedora da alta homenagem que é tomar a sério o seu talento dando a respeito da sua arte uma opinião sinceríssima, e valiosa pelo fato de ser o reflexo da opinião geral do público sensato, dos críticos, dos amadores, dos seus colegas e... dos seus apologistas. Dos seus apologistas, sim, dona Malfatti, porque também eles pensam deste modo... por trás.

**(Publicado, em 20/12/1917, em O Estado de São Paulo).**

### **Referências Bibliográficas:**

BOSWELL, J.; STRICLAND, C. **Arte comentada:** da pré-história ao pós-moderno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

JANSON, H. W. **História geral da arte:** O mundo antigo e a idade média. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GOMBRICH, E. H. **A história da arte.** 16. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

**Site:** <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/>

